

FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.560

SEXTA-FEIRA, 19 DE FEVEREIRO DE 2021

R\$ 5,00

Folha completa hoje 100 anos

Jornal seguirá relevante por mais um século se honrar compromisso com direito à informação de Sua Excelência, o leitor

Esta Folha completa hoje 100 anos de existência. Em qualquer atividade, são poucas as organizações, públicas ou privadas, que chegam à marca. Menos ainda as que têm como atividade o jornalismo profissional e crítico.

A celebração é espartana, conforme recomendam o momento e a praxe interna. O compromisso basilar assumido pelo jornal, como saberão os seus leitores mais assíduos, é se manter apartidário, crítico e pluralista.

O apartidarismo permite escrutinar com independência o poder. Ao expressar seus pontos de vista, o que faz apenas por meio de editoriais, a Folha abraça a defesa de ideias, nunca a de candidatos ou agremiações.

O jornal não pretende impor certezas. Suas páginas continuarão abertas a todos os setores da sociedade e a diferentes versões e interpretações dos fatos, sem que se deixe a tarefa de buscar o relato mais fidedigno possível.

Não acredita que seja possível o desenvolvimento da sociedade fora dos marcos da democracia. A pobreza e a desigualdade serão reduzidas à medida que maiores parcelas da população tiverem acesso a oportunidades.

Os próceres do despotismo ficarão pelo caminho. A Folha seguirá contribuindo com o progresso justo e solidário nos próximos cem anos, desde que assegure o direito à informação de Sua Excelência, o leitor. Opinião A2

FOLHA, 100

Prioridade é a Redação com independência, diz publisher Luiz Frias A16

Folha e USP organizam cátedra em homenagem a Otavio Frias Filho A17

Folha lança programa de treinamento destinado a profissionais negros A18

Time de columnistas do jornal cresce com amor, humor, crítica e arte A18

Folha faz acordo de troca de conteúdo com o Público, de Portugal A24

Exposição na sede do jornal mostra obras em defesa da democracia C6

Nova seção, com textos de leitores, vai virar série da Conspiração C7

Leia artigos de quem comanda empresas centenárias no país A3

Veja programação do centenário e especial no domingo (28) p. 3 e 4



Exposição de obras da campanha em defesa da democracia na sede do jornal, nos Campos Eliseos, que pode ser visitada com agendamento Eduardo Knapp/Folhapress

Há 100 anos

1921

Como eram o Brasil, o mundo, a economia, a segurança pública, a ciência, o esporte, a cultura e o turismo quando a Folha iniciou sua trajetória? Como era São Paulo? Veja respostas em todos os cadernos.



PERSEVERANCE POUSA EM MARTE

Imagem transmitida pelo rover da Nasa após tocar o solo marciano com sucesso; quatro décadas depois, a agência retorna busca direta por evidências de vida no planeta. Ciência B7

Flavia Lima

Estava na hora de a metrópole ter um veículo ágil e diversificado Poder A19

Ombudsman na primeira edição da Folha como se estivesse em 19 de fevereiro de 2021

Hélio Schwartzman
Procura-se estar o mais perto possível do fato A2

Bruno Boghossian
Imprensa livre ajuda a sustentar democracia A2

Ruy Castro
Só escrevi em 1ª pessoa aqui, como cronista A2

Tatiana Prazeres
Ante leitores exigentes, cobrir China desafia A23

Tati Bernardi
Meu peixe embulhado em jornal é orgulho B3

PVC
Jornalismo profissional prova-se resistente B10

Djamila Ribeiro
Tem-se aberto espaço a mais vozes negras C5

Gelo e Gim
Centenário pede um Espresso Martini B12

Câncer de Covas ganhou terreno, afirmam médicos

A equipe médica de Bruno Covas (PSDB) declarou ontem que, pela análise de exames, o câncer no sistema digestivo do prefeito, em tratamento desde 2019, conseguiu "ganhar terreno"; mas o novo método no fígado é menor do que o achado há quase dois anos. Cotidiano B3

Bolsonaro sinaliza que Petrobras sofrerá mudanças

Sob críticas pelo sucessivo aumento dos preços dos combustíveis, Jair Bolsonaro declarou que promoverá mudanças na Petrobras e anunciou isenção de impostos federais sobre gás e diesel. O presidente também criticou o chefe da petroleira, Roberto Castello Branco. Mercado A26

Câmara deve analisar hoje caso de Daniel Silveira

A votação na Câmara para analisar a prisão de Daniel Silveira (PSL-RJ) deve ser realizada hoje, às 17h. A tendência é que a ampla maioria dos parlamentares evite confronto institucional e confirme decisão do Supremo, que prendeu o deputado bolsonarista nesta semana. Poder A8

ENTREVISTA Luiz Fux

Sociedade não espera que deputado preso tenha 'carta de alforria'

Presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux disse que manifestações como as do deputado Daniel Silveira (PSL-RJ), com ameaças a ministros da corte, serão "repugnadas" pelo tribunal. Ele recebeu a Folha ontem, um dia após o STF manter a prisão decretada em flagrante pelo ministro Alexandre de Moraes.

Fux declarou que a sociedade não espera da Câmara uma "carta de alforria" a Silveira, caso vote por derrubar a decisão do STF. Sobre o alerta do general Villas Bôas ao STF antes do julgamento que negou habeas corpus a Lula, afirmou que recebeu da Defesa pedido de "não deixar criar uma crise nisso". Poder A4 e A6

MENINGITE MENINGOCÓCICA
ANTES DE PEGAR, MELHOR VACINAR.

PARA PROTEGER AS CRIANÇAS DE 11 E 15 ANOS, VACINE-SE GRATUITAMENTE EM UM POSTO DE SAÚDE OU PROCURE UMA CLÍNICA DE VACINAÇÃO.

ACESSE O QR CODE E SIBA MAIS SOBRE A DOENÇA.

SAFOPH PASTEUR

AUDIÊNCIA/MÊS
PÁGINAS VISTAS 220.187.213
VISITANTES ÚNICOS 37.254.777

Vacinação no país
5.558.105
Doses administradas
Dados de 20 de fevereiro

Brasil supera 10 milhões de infectados por coronavírus Saúde B4

JOHNNIE WALKER
EST. 1820
OS PRÓXIMOS 200 ANOS ESTÃO APENAS COMEÇANDO.

KEEP WALKING 200 YEARS WALKING

PREVENT
SENIOR

Jornalistas & Cia

XP Inc.

Edição 1.295A - 19 de fevereiro de 2021

portal dos
Jornalistas

120 GO GERDAU
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com

SAMSUNG

vivo

ESPECIAL 100 ANOS

FOLHA DE S. PAULO



Dia histórico para o Jornalismo brasileiro

O Jornalismo brasileiro, tão atacado e vilipendiado ultimamente, tem motivos mais do que justos para celebrar este 19 de fevereiro de 2021, que marca o centenário de fundação de nosso maior e mais influente jornal, a Folha de S. Paulo. Por essa razão, Jornalistas&Cia, em parceria com o seu braço online, o Portal dos Jornalistas, dedica esta edição e toda a sua energia para contar um pouquinho da trajetória de perseverança, inquietude, inovação e transformação do jornal, que começou lá em 1921, tendo, entre os fundadores, ninguém menos que **Júlio de Mesquita Filho**. Isso mesmo, ele, que, ainda jovem, com 30 anos, fez uma breve pausa em sua passagem por O Estado de S. Paulo para fundar a então Folha da Noite, não exatamente um concorrente do jornal de sua família, mas um periódico que, naquele começo, voltava-se para outro público e funcionava quase que como um complemento da atuação editorial do jornal das elites de São Paulo.

Quando decidimos fazer este especial, numa conversa no começo do ano com nosso colaborador **Assis Ângelo**, ele que por lá trabalhou por alguns anos, de imediato veio à cabeça a ideia de convidar **Oscar Pilagallo** para a empreitada. Não só pelo relacionamento de anos e proximidade no curso de Jornalismo da Faap, mas principalmente por sua trajetória de 30 anos no jornal e por ser ele uma espécie de cronista da história da Folha, tantos são os projetos que tem liderado no campo da Memória – entre eles *História Oral da Folha* e livros como *O Brasil em Sobressalto – 80 anos de história contados pela Folha* (Publifolha, 2002) e *História da Imprensa Paulista* (Três Estrelas, 2012).

Não poderia ter sido uma escolha mais feliz. Oscar tem essa história decupada na memória e um talento imenso para contá-la, em texto primoroso, sereno e envolvente. Sorte de nossos leitores que poderão ver nas 45 páginas desta edição a história do jornal, em todas as suas variáveis. E, ainda, textos primorosos de colegas como **Assis Ângelo, Estela May, Fábio Takahashi, Leão Serva, Magê Flores, Matheus Moreira, Mauro Zafalon** e **Nair Suzuki**, além de uma entrevista com o diretor de Redação **Sérgio Dávila** sobre os novos caminhos que se desenham para o jornal. Sobre ombros dele foi depositada a responsabilidade de suceder a **Otávio Frias Filho**, idealizador e principal fiador do *Projeto Folha*, que mudou o curso do jornal e a história da imprensa brasileira.

Uma edição histórica, que com imenso prazer e alegria compartilhamos com nossos leitores.

Não poderíamos deixar de agradecer às empresas que emprestaram seu apoio a esta edição mais do que especial, engrandecendo-a. Caso de nossos patrocinadores **Gerdau, Prevent Senior, Samsung, Vivo** e **XP Inc**, e das organizações **2PRÓ, Aberje, Alubar, BRF, CNH Industrial, Fato Relevante, Febraban, FSB Comunicação, GBR Comunicação, Grupo In Press, Grupo Máquina, l'Max, Imagem Corporativa, Intel, Itaú-Unibanco, Klabin, Prefeitura de São Paulo, RPMA Comunicação, Rhodia – Solvay Group, Uber, Vedacit** e **XCOM Comunicação**.

Parabéns, Folha de S. Paulo! Hoje começa a caminhada rumo ao bicentenário.

Eduardo Ribeiro e Wilson Baroncelli

**CONECTAR AS PESSOAS
DE FORMA DEMOCRÁTICA,
ACESSÍVEL E TRANSPARENTE
É UM COMPROMISSO QUE,
ASSIM COMO VOCÊS,
ASSUMIMOS COM
TODA A SOCIEDADE.**

Em tempos de isolamento,
a informação nos aproxima.

Em tempos de incertezas,
o poder de mobilização dos fatos nos inspira.

Parabéns à Folha de S.Paulo
pelos 100 anos de história.

Juntos vamos mais longe!

Uber



Folha, de zero a cem

Numa tarde qualquer de fins de 2017 cruzei com Otavio Frias Filho na esquina da Sabará com a Piauí, em Higienópolis, um bairro residencial de classe média de onde, no silêncio dos domingos e feriados, é possível ouvir a sirene da Folha soar ao meio-dia, no centro deteriorado de São Paulo.

Barba por fazer, camisa social do dia anterior, aparente aflição contida, um braço erguido tentando chamar um táxi quase no meio da rua, ele parecia ter pressa. Ainda assim, ao me ver, passou a impressão de que seu compromisso, por mais urgente que fosse, poderia esperar alguns minutos. Falamos um pouco de tudo e de nada. E falamos do jornal em que, por quase três décadas, havíamos trabalhado juntos – não muito próximos, nem tão distantes assim.

anos, depois de ter sido – ao lado de seu pai, Octavio Frias de Oliveira, e de Cláudio Abramo, seu mestre – a força motriz que transformou a Folha no maior e mais influente jornal do Brasil, com papel importante no processo de redemocratização.

A Folha de S.Paulo teve uma longa pré-história, que guarda pouca ou nenhuma relação com o jornal que viria ser a partir de meados da segunda metade do século passado. É uma trajetória diferente da de O Estado de S. Paulo, seu principal concorrente, cujas circunstâncias lhe asseguraram maior coerência ao longo do tempo. Fundado em 1875 – quase meio século antes da Folha –, o Estadão representou desde os primórdios os interesses dos cafeicultores, responsáveis pelo carro-chefe da economia paulista e brasileira, defendeu ideais republicanos e logo passaria a ser propriedade da família Mesquita, que até hoje mantém o controle do veículo.

“Os cem anos estão aí”, comentei. “Três anos não é nada”. Por um momento, Otavio pareceu ter sido transportado a outra dimensão. Teria ficado fora do ar, como se abalado pela pancada de um porrete invisível. A alta capacidade de verbalização não o socorria. Em vez das frases que sempre saíam fáceis, já editadas, repetia atônito palavras soltas: “o tempo... três anos... cem anos... não é?” A reação durou um lapso. Na sequência, recomposto, fez alusão, em tom de chiste e talvez com um viés autocrítico que lhe era característico, à estranha propensão humana de se surpreender com o que é previsível por natureza, como as efemérides.

Naquele dia eu ainda não sabia que Otavio recebera, pouco tempo antes, o

A irrelevância editorial e política da Folha em suas primeiras décadas de vida recomenda que a história do período seja narrada em largas pinceladas. Alguns episódios, no entanto, merecem ser resgatados das páginas hoje esfareladas do jornal.

Nasce a Folha

Em 19 de fevereiro de 1921, um sábado, a Folha nasceu, com o nome de Folha da Noite, de uma costela do Estadão, ocupando o espaço deixado pelo fim da edição vespertina do então principal jornal da cidade, que perdera leitores antes ávidos pelas notícias mais quentes da guerra mundial (1914-1918). Seus fundadores são quase todos egressos do “Estadinho”, como Paulo Duarte e Júlio de Mesquita Filho, que ainda não completara 30 anos. Também integravam o grupo Olival Costa e Pedro Cunha, que logo se tornaram os únicos proprietários.

Por Oscar Pilagallo

Oscar Pilagallo trabalhou na Folha por três décadas, a partir do início dos anos 1980. Publicou *O Brasil em sobressalto – 80 anos de história contados pela Folha* e *História da imprensa paulista – Jornalismo e poder de d. Pedro I a Dilma*, entre outros livros.



diagnóstico de um câncer no pâncreas, que costuma não dar longa sobrevida aos doentes. Só em retrospecto eu deduziria ser provável que seu aparente transtorno naquela tarde modorrenta tinha a ver com sua saúde. Ele certamente desconfiava que não estaria por aqui para presenciar a festa do centenário. Foi a última vez que o vi. Otavio morreria em agosto do ano seguinte, aos 61

Raquel Cunha/Folhapress



Otavio Frias Filho

A breve passagem de Mesquita Filho pela Folha – ele logo voltaria ao Estado, onde sucederia o pai no comando da empresa – foi marcada pela proposta editorial publicada na primeira página da estreia, que ele escreveu, mas não assinou. Voltada para assuntos urbanos, como era típico dos vespertinos, a Folha da Noite abordava os assuntos com algum coloquialismo para tentar



Onde tem
DESENVOLVIMENTO,
 tem a nossa marca.

CNH
 INDUSTRIAL

Agricultura Transporte Construção Energia

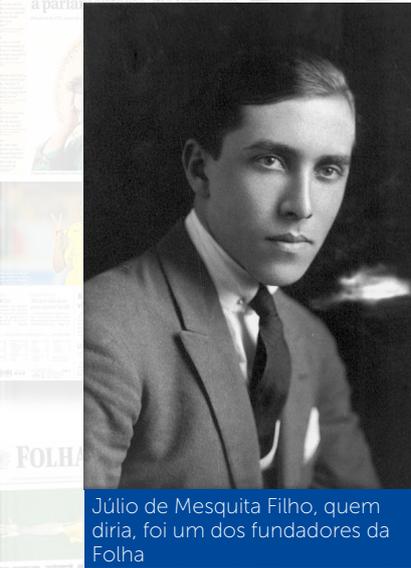


A **Folha de S. Paulo** comemora **100 anos**

E queremos parabenizá-la por seu importante papel na história do nosso país reportando fatos e notícias relevantes, sempre priorizando a verdade e a transparência.

AGRICULTURA | TRANSPORTE | CONSTRUÇÃO | ENERGIA





Júlio de Mesquita Filho, quem diria, foi um dos fundadores da Folha



cativar o leitor comum, uma vez que a elite econômica e intelectual preferia os austeros matutinos.

Aquela carta ao leitor exaltava um predicado que, ao longo de sua história, o jornal cultivaria: a capacidade de se adaptar aos novos tempos, sem receio de mudar de opinião quando as circunstâncias exigissem. A Folha, escreveu o redator, deveria demonstrar "oportunismo", palavra que evidentemente não tinha o sentido pejorativo atual. Foi o que a Folha fez nos cem anos seguintes, para o bem e para o mal – e não fazia justiça à sua própria tradição, de assumir erros sem maiores rodeios, um texto laudatório que, como se diz hoje, lhe passasse o pano.

A sede, improvisada no segundo andar de um prédio na rua São Bento, no centro de São Paulo, abrigava poucos jornalistas que trabalhavam

praticamente sem salário. A Folha era impressa na gráfica do Estado, que lhe oferecia condições vantajosas. Afinal, o vespertino recém-lançado e o matutino tradicional ainda estavam longe de ser concorrentes.

Nessa primeira denteição, dois jornalistas se destacaram: Pedro Cunha e, principalmente, Olival Costa. A "Folha do Olival", como o jornal era chamado, focava assuntos urbanos, como a defesa de iniciativas de interesse popular. Se esse leitor tivesse uma única cara seria a de Juca Pato, personagem do caricaturista Belmonte, um homem "perplexo com o mundo e mordaz com os poderosos", na definição precisa de Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato em *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)*.

Um ano depois do lançamento do jornal, eclodiu

dois participavam do debate público. No ano seguinte, apoiaram a criação do Partido Democrático, uma dissidência do Partido Republicano Paulista que apoiava uma das primeiras causas da Folha – a adoção do voto secreto como condição *sine qua non* da democracia.

O entusiasmo com a oposição, no entanto, teria vida curta. Em março de 1929, um editorial marca uma surpreendente guinada em favor do governo. Na época, Pedro Cunha deixou o jornal explicitando divergência e foi trabalhar num veículo de oposição. Para as Folhas, a conta chegaria em outubro do ano seguinte, quando as forças lideradas por Getúlio Vargas tomaram o poder, no episódio que entraria para a história como a Revolução de 30. As Folhas, juntamente com outros jornais governistas, como A Gazeta e o Correio Paulistano, foram empasteladas.

Nos dois meses em que

deixou de circular, a Folha foi comprada por Octaviano Alves de Lima, um comerciante de café sem experiência em jornal. Sob sua direção, os dois jornais trataram bem o governo provisório de Vargas, num momento em que a imprensa paulista se engajava no movimento que levaria à chamada Revolução Constitucionalista de 32. Mais tarde, durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), a Folha simplesmente abriu mão de abordar a política, afundando de vez na irrelevância.

A fase de Nabantino

Em março de 1945, ainda sob a ditadura, mas com a redemocratização no horizonte, a Folha daria um salto qualitativo ao ser comprada por um grupo integrado por José Nabantino Ramos, responsável por uma linha editorial que, ao privilegiar a meta da imparcialidade, contrastava com a maioria da imprensa

o movimento tenentista com o frustrado Levante do Forte de Copacabana. Ao apontarem os vícios da Primeira República, os militares de baixa patente conquistaram a simpatia popular e o apoio da imprensa, inclusive da Folha. O caldo entornaria dois anos mais tarde, quando os tenentes, em nova tentativa de insurreição, provocaram uma guerra civil em São Paulo. Crítica do presidente Arthur Bernardes, que mantinha o País sob estado de sítio e a imprensa censurada, a Folha da Noite foi proibida de circular em fins de 1924, o que só não aconteceu na prática porque o jornal, espertamente, mudou o nome para Folha da Tarde enquanto a poeira não baixava.

Apesar de tudo, o jornal ia bem, a ponto de em 1925 lançar o segundo título – a Folha da Manhã. Mesmo sem maior relevância, os

paulista, que comia na mão dos conservadores da União Democrática Nacional (UDN). Também crítico do populismo, Nabantino faria com que a Folha ocupasse uma posição de centro, considerando-se o espectro ideológico mais representativo.

O propósito elevado de buscar a verdade factual, porém, estava assentado em bases frágeis. O objetivo precípua do jornal era servir de tribuna ao industrial italiano Francisco Matarazzo Júnior, para que ele se defendesse sem intermediários dos ataques desferidos por Assis Chateaubriand em seus jornais, o Diário da Noite e o Diário de S. Paulo. O empresário era o verdadeiro dono do jornal, mas, como a lei não permitia que estrangeiros controlassem veículos de comunicação, era representado na sociedade pelo diretor comercial, Clóvis Medeiros de Queiroga.

Centralizador e autoritário,

UMA SENHORA TRAJETÓRIA

ANTENADA
IRREQUIETA
ARROJADA
IMPREVISÍVEL
SEDUTORA
OUSADA
MODERNA
IRREVERENTE

FOLHA, 100
MAS NINGUÉM DIRIA

UM JORNAL PLURAL (E SINGULAR)
UM JORNAL DEMOCRÁTICO
(E A SERVIÇO DA DEMOCRACIA)

GBR
comunicação

Matarazzo desentendeu-se com os sócios e deixou a empresa em pouco tempo, abrindo espaço para Nabantino assumir de fato as Folhas. Ao longo dos anos seguintes, os dois jornais trocaram a cobertura rural por temas nacionais, na Folha da Manhã, e urbanos, na Folha da Noite, retomando assim a vocação original. O bom desempenho das publicações permitiu que, em 1949, fosse criado o terceiro título do grupo – a Folha da Tarde.

As orientações de Nabantino seriam consolidadas em dois documentos que nortearam a atuação dos jornais nos anos 1950 e no início da década seguinte. Em 1948, os acionistas aprovaram seu *Programa de Ação*, que abordava questões técnicas e administrativas e seria um pilar para o processo de modernização dos dois jornais. Em 1959, publicou-se o texto *Normas de Trabalho da Divisão*

de Redação, com o registro da experiência de Nabantino, livro precursor dos manuais de redação e que influenciaria gerações de jornalistas.

Os anos 1950 foram conturbados. Vargas suicidou-se em 1954, depois de uma campanha avassaladora da oposição. No ano seguinte, uma tentativa de golpe por pouco não impede a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Os grandes jornais eram todos conservadores. O que os diferenciava era a defesa da alternativa golpista. Enquanto o Estado estimulava a quebra da legalidade, acreditando defender um bem maior, as Folhas (quase sempre) atuavam nos limites da Constituição.

As Folhas, no plural, seguiram até o último dia dos anos 1950. Em 1º de janeiro de 1960 nasceria a atual Folha de S.Paulo, uma fusão dos três títulos. Na realidade, a

decisão resultou menos de uma visão de futuro do que da necessidade de reduzir custos. No final do ano seguinte, uma greve de jornalistas marcou o início de um processo que



Nabantino, com a miss Brasil Martha Rocha, no aniversário da Folha em 1954



levaria Nabantino a vender o jornal. A empresa enfrentava dificuldades financeiras e o reajuste salarial conquistado, de 45%, deteriorou a situação. Mais grave, no entanto, foi a reação de Nabantino, que tratava os funcionários com paternalismo e considerou-se traído pela adesão ao movimento. Decepcionado, ele venderia a Folha para Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, em 10 de agosto de 1962.

Papel no golpe

Frias, que já tinha uma relação comercial com a Folha, vinha do mercado financeiro. Era diretor do Banco Nacional Imobiliário (BNI), que fundara no final da década de 1940 e que tinha à frente Octavio Orozimbo Roxo Loureiro. A instituição havia financiado a compra de dois imóveis da Folha, inclusive o prédio da alameda Barão de Limeira, onde até hoje funciona a sede do grupo. Além disso, em

1953 Frias ajudou Nabantino a capitalizar a empresa. Para tanto, abriu uma companhia – a Transaco – que cuidou da emissão de ações da Folha, com direito a uma assinatura vitalícia do jornal. Elas chegaram a representar quase um terço do total.

Pouco tempo depois, Frias deixou o BNI. O banco estava em situação complicada depois que o sócio majoritário, Roxo Loureiro, usou-o para financiar sua campanha a deputado federal. O BNI sofreu intervenção e, embora nenhuma irregularidade tivesse sido identificada, Frias teve seus bens bloqueados. Voltou então para a Transaco, levantou algum capital e foi procurado por Caldeira para construir a estação rodoviária da Luz, no centro de São Paulo, inaugurada em 1961. Com o dinheiro desse negócio e muitos empréstimos, compraram a Folha. Uma das primeiras medidas foi desarmar

a bomba-relógio das assinaturas vitalícias, que, depois do êxito inicial, sufocavam a empresa. Os contratos foram denunciados sob o argumento de que um contrato sem término previsto pode ser terminado a qualquer hora. A maioria dos acionistas aceitou, e a Folha fez acordo com os 10% que entraram na Justiça.

Enquanto a Folha tentava equilibrar-se financeiramente, a imprensa participava da articulação do golpe de 64. Com exceção do *Última Hora*, que, fiel à sua origem trabalhista, apoiava João Goulart, os jornais colocaram seu peso a favor da derrubada inconstitucional do presidente. A Folha teve papel limitado, até porque sua opinião contava pouco, ao contrário do Estado, que



Caldeira (esq.) e Frias, este com os filhos Luiz (esq.) e Otavio

agenciafr.com.br

FOLHA

Não é pra qualquer um fazer 100 anos. Não é pra qualquer um ser relevante. A Agência FR parabeniza a Folha pelo seu centenário.
Fato Relevante. Resultado. De fato.



assumiu algum protagonismo no episódio.

O nome de Frias integra a lista de "associados proeminentes" do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, o Ipes, criado logo após a posse de Jango por empresários dispostos a combater uma suposta socialização do governo nascente. A entidade, junto com o Ibad (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), esteve por trás da operação que destituiu o presidente. Uma consulta ao livro 1964: a conquista do Estado, de René Armand Dreifuss, que mapeou a atuação do empresariado, mostra, no entanto, que a participação de Frias foi quase prototípica. Em depoimento prestado ao projeto História Oral da Folha, Frias confirmou ter comparecido a uma reunião do grupo, em que foi recebido apenas como mais um entre muitos empresários.

A contribuição da Folha deu-se no campo da formação de opinião pública. Logo após o plebiscito que reinstalou o presidencialismo, em janeiro de 1963, o jornal copatrocinou o Congresso Brasileiro para Definição das Reformas de Base, que objetivou reforçar as críticas da elite às reformas que Jango queria fazer. Na época, um editorial de primeira página convocava os empresários a agir de maneira coordenada. Em sintonia com quase todos os outros órgãos de imprensa, a Folha subiu o tom à medida que o golpe se aproximava. Também compartilhava da convicção de que Jango armava um golpe.

A Folha deu-se especialmente bem nos anos seguintes. Nadando a favor da maré política, fez apenas críticas pontuais aos militares, como protestar, em editoriais, contra a prisão de professores da

USP. Enquanto isso, a empresa acanhada ganhava ares de modesto conglomerado. Entre 1965 e 1968, os dois sócios foram às compras e voltaram com dois títulos: a versão paulista do Última Hora, de Samuel Wainer, e Notícias Populares, de Herbert Levy, que havia sido criado para apoiar o golpe. Como o primeiro não tinha como sobreviver e o segundo não tinha por que continuar existindo, foram duas barganhas. Frias e Caldeira compraram também um terço da TV Excelsior, que era líder de audiência, assumiram a Fundação Cásper Libero, investiram em impressão offset e, de quebra, criaram mais dois títulos: Cidade de Santos e Folha da Tarde.

Depois de terem apoiado o golpe e os primeiros anos do novo governo, os grandes jornais brasileiros tornaram-se vítimas do regime, que



foi apertando os dispositivos de censura à medida que endurecia. Em 1967, a nova Lei da Imprensa (que vigoraria até 2009!) deu poderes ao governo de apreender qualquer jornal por supostamente incitar à subversão. Em 1968, o AI-5 anunciou os anos de chumbo da ditadura. Em 1969, a Lei de Segurança Nacional estabeleceu que seria processado quem divulgasse "notícia falsa, tendenciosa ou fato verdadeiro truncado ou deturpado, de modo a indispor ou tentar indispor o povo com as autoridades constituídas". No ano seguinte, um decreto instituiu a censura prévia.

Os veículos não foram atingidos da mesma maneira ou com a mesma intensidade. Os que tentaram resistir sofreram mais. Foi o caso do Estadão, que denunciava a censura publicando versos dos Lusíadas, de Camões, no lugar dos textos cortados pelos censores. O Jornal da Tarde,

também da família Mesquita, ia na mesma linha, estampando receitas culinárias em meio ao noticiário político. A recém-lançada Veja lançava mão de recurso semelhante. Os leitores percebiam a mensagem, nem tão cifrada assim, de que a liberdade de imprensa se encontrava sob ataque violento.

A maioria dos jornais, no entanto, optou por acatar as regras do governo. Foi o que fizeram os veículos do grupo Folha. Bastava o censor telefonar para a Redação, ou enviar um telex, avisando quais temas não deveriam ser abordados. Estabeleceu-se uma rotina, o que emprestava à violência contra a liberdade de expressão certo ar burocrático. Para garantir que todos os jornais do grupo recebessem os comunicados da Polícia Federal, a informação era centralizada na Agência Folha, que os redistribuía, numa bobina com várias cópias. Era assim que operava a chamada "censura branca".

Na época, o comando da Folha estava a cargo de Cláudio Abramo. Ele deixara o Estado em 1963, por discordar da atividade conspiratória dos donos do jornal. Começou na Folha em 1965, inicialmente dividindo a Chefia da Redação com José Reis, remanescente do período de Nabantino Ramos. Mais tarde, já sozinho na função, conviveu com a censura. "Acatar a censura foi uma opção da empresa", ele lembraria em entrevista ao próprio jornal em 1978. "Eu mesmo fazia a censura, salvaguardando os colegas. O pior mal é a autocensura". Em A regra do jogo, seu livro póstumo de memórias, ele conta: "De 1969 a 1972 a Folha atravessou um período negro, em que não havia espaço político algum no



Camões no lugar de notícias censuradas no Estadão



Folha de S. Paulo

Um século de histórias



QUANTO CABE EM UM SÉCULO DE HISTÓRIA?

Cabem milhões de histórias, matérias, artigos, fotos, informações e muita credibilidade e compromisso com a verdade.

A Alubar parabeniza a Folha de S. Paulo pelos 100 anos de história. Que venham mais 100, 200, 300 anos investigando e garantindo o acesso a informação ao povo brasileiro.

Estar mais próximo e poder acompanhar de perto o trabalho da Folha de S. Paulo é uma grande satisfação da Alubar.

**Uma homenagem da Alubar pelos 100 anos da
Folha de S. Paulo**

*Folha de
S. Paulo,
100 anos.*



 /GrupoAlubarOficial

 GrupoAlubar

 /GrupoAlubar

 /GrupoAlubar

 GrupoAlubar

www.alubar.net.br



Carro da Folha incendiado pela ALN



jornal. Na verdade, o jornal não tinha condições de resistir a pressões do governo, e por isso não provocava. Foi uma política muito sábia, que Frias aplicou ao jornal". Sem a devida anuência do censor, não se podia escrever sobre assuntos como sucessão presidencial, manifestações estudantis, choque entre policiais e guerrilheiros, atentados aos direitos humanos. A censura, prévia ou branca, vigorou principalmente até 1975. Em janeiro desse ano, por ocasião do centenário do Estado, a censura prévia foi suspensa. Em outubro, a Folha recebeu o último comunicado dos censores.

Uma gangorra ideológica

Embora o objeto deste texto seja a Folha, é preciso abrir parênteses sobre seu jornal-irmão, a Folha da Tarde, não só pelo inusitado de sua história, mas sobretudo pela

circulavam armados pela Redação. A piada corrente era que a Folha da Tarde havia se tornado "o jornal de maior tiragem do País", tal o número de "tiras". Recebeu também a alcunha de "Diário Oficial da Oban", a Operação Bandeirantes, ramo paulista da repressão política, por coincidência criada em junho de 1969, uma semana depois da reviravolta da Folha da Tarde.

Editorialmente, o jornal endossava as fantasiosas

interconexão que essa história tem com a própria Folha.

O título foi lançado em 1967 para concorrer com o Jornal da Tarde, popular entre estudantes. O projeto esteve a cargo de Jorge de Miranda Jordão, que contratou jornalistas ligados à luta armada. Devido à natureza clandestina dessa militância, ninguém sabia disso, muito menos os donos do jornal. Integrava o grupo Frei Betto, vinculado a Carlos Marighella, líder da ALN (Ação Libertadora Nacional). O religioso chegou a ser chefe de Reportagem. Em *Batismo de sangue*, dedicado a Miranda Jordão, ele conta que usava sua função para proteger guerrilheiros, repassando com antecedência à organização informações sobre operações do Dops (Departamento de Ordem Política e Social) apuradas por seus repórteres.

Essa Redação teve vida breve. Não resistiu ao AI-5, decretado em dezembro de

versões das forças de repressão, encobrendo as circunstâncias das mortes de guerrilheiros, que ocorriam nos porões do regime, e não em combate ou tentativa de fuga. Outros jornais também registravam tais versões, mas as atribuíam aos órgãos policiais. Essa Folha da Tarde policialesca só seria desmantelada em meados de 1984, com a introdução do *Projeto Folha*.

Confronto com a guerrilha

A justificada ojeriza da esquerda em relação à Folha da Tarde estendeu-se ao grupo editorial, acusado pelos militantes de atuar como linha auxiliar da repressão não apenas nas páginas de jornal. Ao tomar conhecimento de que veículos da Folha teriam sido usados por policiais para fazer campanha, a ALN incendiou dois deles em 21 de setembro de 1971. No dia seguinte, Frias reagiu, publicando na capa da Folha e

1968, e à subsequente prisão ou sumiço na clandestinidade de seus membros. Depois de um interregno em que Antônio Pimenta Neves foi editor-chefe, no final de 1968, o jornal seria entregue a jornalistas ligados à polícia, sob o comando de Antônio Aggio Jr., vindo do Cidade de Santos. A Folha da Tarde passou de um a outro extremo da régua ideológica.

Em depoimento ao projeto *História Oral da Folha*, em 2005, Aggio me confirmou ter recebido salário do aparelho de repressão no período em que editou o Cidade de Santos e a Folha da Tarde. Ele tinha um cargo administrativo na Secretaria de Segurança Pública de São Paulo e era assessor do delegado Romeu Tuma, que trabalhava com Sérgio Fleury, figura de proa do combate à guerrilha.

Entre os "jornalistas" havia investigadores, delegados, agentes, alguns dos quais

da Folha da Tarde um editorial com sua assinatura, intitulado *Banditismo*, que lhe renderia uma ameaça de morte. Em outubro outra caminhonete de entrega do jornal foi destruída e, em dezembro, a prisão de um guerrilheiro abortou o plano da ALN de explodir um caminhão-tanque de gasolina no prédio da Folha, onde a família Frias tinha passado a morar, por questão de segurança. Durante um ano e meio, pais e filhos habitaram uma ala da sede que havia sido transformada em apartamento.

Uma guerra posterior de versões impediu que se estabelecesse a verdade factual do que teria ocorrido naquele embate. Em 2005, vinte anos depois da redemocratização, Otavio encomendou-me um memorial sobre as relações entre a Folha e o regime militar. Durante meses, consultei arquivos e documentos, entrevistei ex-guerrilheiros e pessoas que haviam trabalhado



100 anos alimentando a população com informação de qualidade.

Parabéns, Folha de S.Paulo, pelo seu primeiro século de vida.

Sadia



Qualy



para a polícia. Embora não tenha encontrado material para sustentar uma tese, a conclusão, a partir da coincidência de depoimentos que julguei dignos de fé, foi de que veículos da Folha haviam sido efetivamente usados pela repressão. A questão, ainda pendente, é se a decisão de os colocar à disposição de forças policiais partiu ou não da direção da empresa. Escrevi o memorial com total liberdade, até porque a intenção era que fosse um documento interno, a ser eventualmente franqueado a um historiador que, no futuro, se interessasse pelo jornal. Se não consegui determinar de quem partiu a decisão foi por ausência de qualquer registro, ou por falta de apuração.

No ano seguinte, Engel Paschoal anotou, na biografia de Frias, que seu filho havia chegado ao entendimento de que caminhões de transporte

da Folha foram usados para prender guerrilheiros, ou supostos guerrilheiros. Otavio acrescentou: "Mas tenho convicção de que isso foi feito à revelia do meu pai e até do Caldeira. Eu digo 'até do Caldeira' porque ele era a pessoa que tinha mais afinidade com esse setor do regime militar". Em *Notícias do Planalto*, Mario Sergio Conti, hoje colunista da Folha, ouviu o dono do jornal. "Seu" Frias, como gostava de ser chamado – "Não sou doutor", avisava aos interlocutores –, lhe disse sobre o uso de veículos: "Se aconteceu, foi à minha revelia. Nunca me pediram isso". Muitos anos depois, em 2013, a Folha publicou a declaração de Cláudio Guerra – um ex-delegado da Polícia Civil que participara da execução de militantes – de que Frias "visitou frequentemente na ditadura militar dependências

do Dops de São Paulo, um dos principais centros de repressão a opositores do regime". A mesma nota nega que a direção da empresa tivesse colaborado com a repressão política.

Em meados de 1972, Abramo afastou-se temporariamente do comando da Redação, depois que um editorial, em 30 de junho, negou a existência de presos políticos. O que havia, segundo o jornal, eram "criminosos, sequestradores, ladrões, incendiadores, assassinos". Abramo argumentou que, se fosse para escrever a favor do governo, seria melhor suspender os editoriais. Foi o que aconteceu uma semana depois.

Abertura política

Novos ventos só começariam a soprar um ano e meio mais tarde. Em janeiro de 1974, a dois meses

da posse de Ernesto Geisel como presidente, o *publisher* da Folha foi convocado para uma reunião com o general Golbery do Couto e Silva, futuro chefe da Casa Civil. Em pauta, o projeto de distensão política. O militar sugeriu que a Folha poderia, se quisesse, ter um espaço nesse processo, da mesma maneira que outros jornais, que também haviam sido ou seriam procurados. Considerado o artífice da abertura, Golbery trabalhava com a hipótese de que o novo governo precisaria da grande imprensa para enfrentar a linha dura dos militares.

A Folha foi receptiva à ideia de Golbery. Na ocasião, conversava-se internamente sobre a possibilidade de uma mudança na linha editorial que aproximasse o jornal da sociedade civil. A ideia, que também considerava aspectos mercadológicos, era posicionar a Folha ligeiramente à esquerda do Estadão.

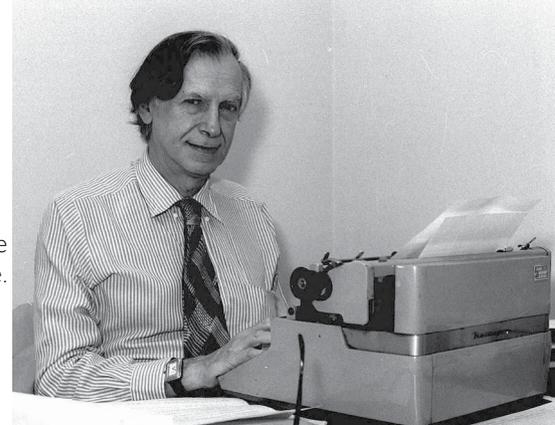
Naquela altura, depois de pagar dívidas e investimentos dos anos anteriores, a empresa já dispunha de condições financeiras mais favoráveis e podia pensar em bancar um projeto editorial mais independente. Além disso, tinha à disposição a pessoa certa no lugar certo para operar a transformação: Cláudio Abramo.

A piscadela de Golbery foi a senha para que a Folha, com mais de meio século de vida, pudesse enfim sonhar em ser um matutino influente. Os editoriais voltaram a ser publicados em 16 de janeiro de 1974. Pela primeira vez o jornal referiu-se ao golpe de 1964 evitando o termo "revolução", com contação positiva. Em linha com o movimento da sociedade, começou a distanciar-se do regime. As eleições legislativas de novembro, que deram vitória contundente à oposição, animaram a Folha a redobrar a aposta na guinada. A estratégia

foi acertada no mesmo ano num encontro entre Frias, Otavio e Abramo, em Nova York.

As mudanças começaram no início de 1975. O jornal passou a se abrir para intelectuais de vários matizes ideológicos, da direita à esquerda, antecipando a marca pluralista que o distingue até hoje. Com esse mesmo espírito seria criada no ano seguinte a seção *Tendências/Debates*. O jornal contratou pesos-pesados, como Paulo Francis, que seria correspondente em Nova York, e Alberto Dines, para chefiar a sucursal do Rio de Janeiro. Mais tarde, Janio de Freitas reforçaria a equipe com a coluna política que até hoje fustiga o reacionarismo de diversos governantes.

O projeto de uma nova Folha



Cláudio Abramo



100 anos da Folha:

um século ajudando
a construir o Brasil com
informação de qualidade.

A **Vedacit** parabeniza a **Folha de S.Paulo pelos 100 anos** compartilhando informação de qualidade com todos os brasileiros.

Com uma trajetória marcada pelo jornalismo crítico, com pluralismo e independência, este, que é um dos jornais mais influentes do país, chega a um século de atuação com força e representatividade, abordando com profundidade temas relevantes sobre o Brasil e o mundo.

Nos nossos **85 anos** de história, ficamos honrados em poder contribuir como fonte para reportagens e apoiar iniciativas promovidas pelo jornal.

Parabéns, Folha! Que venha mais um século repleto de notícias, com transparência e profundidade!

vingaria, mas não sem antes enfrentar duas situações de estresse.

O caso Herzog

Ainda em 1975, o assassinato do jornalista Vladimir Herzog, diretor da TV Cultura de São Paulo, foi um divisor de águas, pela imensa repercussão que teve. A Folha registrou a versão oficial, de que ele teria cometido suicídio por enforcamento numa cela do Segundo Exército. Mas não deixou de publicar uma nota do Sindicato dos Jornalistas, insinuando, sem afirmar com todas as letras, que ele teria sido assassinado.

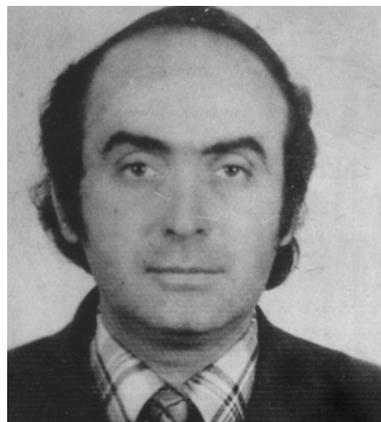
O noticiário da Folha foi editado pessoalmente por Abramo. A direção do jornal acreditava que ele teria "maturidade para comandar aquele processo de modo que não se noticiasse tão pouco que parecesse covardia

nem tanto que parecesse provocação", como contou Pedro del Picchia em depoimento ao projeto *História Oral da Folha*. A cobertura da Folha contrastou com a da Folha da Tarde, que se fixou na versão oficial.

Dines teve papel de destaque. Antes da morte de Herzog havia denunciado na coluna *Jornal dos Jornais* – em que praticava o que hoje se chama de *media criticism* – a existência de uma campanha contra Herzog em outros órgãos de imprensa, que identificavam uma infiltração comunista na TV Cultura. E, quatro dias após a morte do jornalista, escreveu: "A hipótese do suicídio até o momento foi a que teve menor credibilidade junto à opinião pública. Não se precisa ser um Sherlock para perceber sua inconsistência".

Meses depois, no início de 1976, a morte do operário

Manoel Fiel Filho no Segundo Exército, em circunstâncias semelhantes, levou o presidente Geisel a trocar o comando da unidade, uma decisão sem precedente que, por um tempo, deu vantagem à ala do governo que enfrentava a linha dura. A Folha parecia sintonizada com o prenúncio de um tempo em que a oposição poderia atuar nas brechas do autoritarismo.



A farsa do "suicídio" de Vladimir Herzog

O caso Diaféria

A segunda situação de estresse, do ponto de vista da implantação do projeto, foi mais traumática.

Com a mudança de orientação, a Folha passou a ser visada. Em agosto de 1977, João Figueiredo, chefe do Serviço Nacional de Informação (SNI), enviou ao ministro da Justiça, Armando Falcão, um documento que tratava a Folha como "vanguarda entre os veículos de imprensa empenhados em isolar o governo da opinião pública", como narra Conti em *Notícias do Planalto*.

No início do mês seguinte, o jornal mostraria que a avaliação não era tão exagerada assim. Tudo começou com a publicação de uma crônica em que Lourenço Diaféria ridicularizava ninguém menos do que o patrono do Exército, Duque de Caxias. Duas semanas mais tarde, o jornalista foi preso, e a resposta da Folha

foi publicar em branco a coluna diária, explicando no pé que o cronista tinha sido detido. A edição ainda estava nas bancas quando Frias recebeu uma ligação de Hugo Abreu, chefe do Gabinete Militar, com a ameaça de processar o jornal com base na Lei de Segurança Nacional. Na prática, a Folha poderia ser suspensa por dois meses, renováveis por mais dois. Se deixasse de circular por tanto tempo, certamente quebraria.

Para evitar o pior, Frias ofereceu a cabeça de Abramo. O jornalista estava na mira da linha dura havia algum tempo. Mais de um ano antes do episódio Diaféria, um documento do SNI, intitulado *O Problema da Infiltração de Esquerda nos Meios de Comunicação de Massa em SP*, avaliava que "a contaminação do jornal superava a das outras publicações e que isso se devia ao 'integral controle do jornalista comunista Cláudio

Abramo, que há alguns anos desempenha na empresa um papel de eminência parda", como informa Elio Gaspari em *A ditadura encurralada*.

Boris Casoy, que fora editor-chefe da Folha entre 1974 e início de 1976, assumiu no lugar de Abramo. Ao contrário do seu antecessor, tinha bom trânsito na área militar. Para sinalizar um protesto, os editoriais foram de novo suspensos e Frias retirou o nome do cabeçalho do jornal, na primeira página.

A crise teria um desdobramento inesperado menos de um mês depois da decisão que chacoalhou a Folha, com a demissão do ministro do Exército, Sylvio Frota. Sua tentativa de se impor como sucessor de Geisel era o pano de fundo das ameaças à Folha. Com a linha dura sem seu representante de maior visibilidade, o jornal poderia, pela lógica aparente, ter voltado atrás. Mas não foi o que aconteceu. Em texto escrito em



Lourenço Diaféria



PARABÉNS



CIDADE DE
SÃO PAULO

FOLHA DE S. PAULO 100

PELO SEU CENTENÁRIO.



A VACINAÇÃO COMEÇOU. NÃO VAMOS BAIXAR A GUARDA.

SIGA COM OS
CUIDADOS E VAMOS
DEIXAR A COVID-19
PARA TRÁS.

A vacinação começou na cidade de São Paulo.
Mas precisamos continuar respeitando os cuidados:
use máscara, higienize as mãos, evite aglomerações
e prefira atividades em casa!
Juntos, vamos deixar essa pandemia para trás.



- Use máscara
- Lave sempre as mãos
- Mantenha o distanciamento social
- Prefira atividades em casa



CIDADE DE
SÃO PAULO

prefeitura.sp.gov.br/coronavirus



2003, como subsídio à pesquisa de Gaspari para a série sobre a ditadura, Otavio especulou sobre as razões de seu pai para ter mantido o recuo: "Acredito que ele pensava já ter 'brincado' demais com o jornal, no sentido de submeter a Folha ao estresse de um risco constante sujeito às intempéries da luta entre facções militares. Com o retorno do Boris [...], ele habilmente 'blindou' o jornal e permitiu que este seguisse seu curso evolutivo. Talvez ele cogitasse, também, de que a gestão do Boris estabelecerá um tampão entre o Cláudio e o que seria a minha gestão".

Em 7 de maio de 1978, mais de seis meses após a demissão de Abramo, a Folha voltaria a publicar editoriais, o primeiro em defesa da liberdade de imprensa.

Diretas-Já

A Folha, com efeito, seguiria seu "curso evolutivo", numa

do caráter suprapartidário do evento, a frouxidão do PMDB e o desinteresse da imprensa.

A partir daí, o jornal empenhou-se em advogar a causa com fervor militante, atitude rara em sua trajetória e que contrastava com a apatia dos outros veículos, que demoraram a perceber que engrossava o caldo daquela

ascendência que culminaria com o engajamento total na campanha das *Diretas-Já* a partir do final de 1983. A proposta havia sido apresentada em março daquele ano por Dante de Oliveira, deputado de pouca projeção do PMDB de Mato Grosso. Mas passara em branco – o Congresso e a imprensa a haviam ignorado. Apesar das evidências de que a ditadura militar estava esgotando seu ciclo, a emenda constitucional que permitia a realização de eleição direta para presidente da República não ocupou de imediato a agenda política nacional.

A participação da Folha começou de forma convencional. Pouco depois da apresentação do projeto, o jornal defendeu a ideia em editorial: "O que parece certo, entre muitas incertezas, é que o êxito da tese das eleições diretas será tão menos improvável quanto mais firme e

que seria a mais eletrizante campanha cívica da história contemporânea do Brasil.

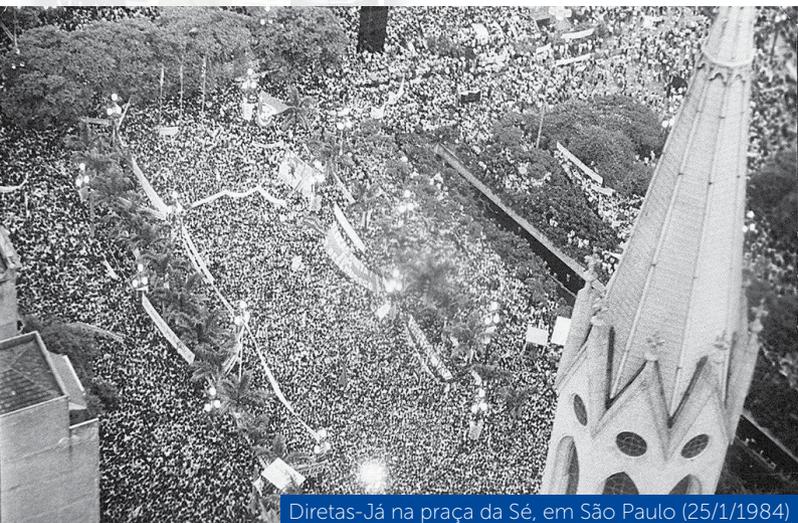
A paternidade de uma grande ideia é sempre objeto de disputa. No caso da campanha pelas *Diretas-Já*, para além de eventuais reivindicações, ela é compartilhada por três jornalistas, cujas narrativas são complementares. Quem primeiro levou a sugestão ao publisher da Folha foi o repórter João Russo, que a ouvira de Franco Montoro, governador de São Paulo, eleito pelo PMDB em 1982, quando a oposição conquistou vários Estados importantes. Montoro, porém, era parte obviamente interessada na pauta, e a ideia acabou sendo descartada por Frias e alguns editores consultados. Mais tarde, como relata Conti em *Notícias do Planalto*, Otavio tomou conhecimento da proposta e convenceu o pai a engajar o jornal na campanha. Na

abertamente ela seja sustentada pelos setores da opinião pública que lhe sejam favoráveis". E concluía: "Se tais setores se mostrarem amplamente majoritários, como acreditamos que são, sua vontade constituirá também um fator que não deixará de pesar no curso dos acontecimentos".

Logo em seguida, no início de abril, o jornal estampou em manchete uma declaração de dom Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, em defesa de uma democratização "que levasse realmente o povo a se exprimir em todos os campos da vida", como lembrou Ricardo Kotscho em *Do golpe ao Planalto*. Mas nos meses seguintes, praticamente nada aconteceu. E em novembro, o primeiro ato público a favor das eleições diretas, organizado pelo PT em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, foi um fiasco. A Folha criticou a ausência

sequência, sem saber o que se conversava no andar de cima – o 9º andar, onde fica a direção –, Kotscho entregou a Frias um plano datilografado defendendo que a Folha "empunhasse de vez a bandeira das eleições diretas", como relata em seu livro de memórias. Já convencido do projeto, o dono do jornal decidiu que aquele era o momento. "Convocou imediatamente a cúpula da Folha à sala dele, leu o texto para todos os editores e mandou tocar o pau na máquina", escreve Kotscho.

A Folha destacou-se não apenas por sair na frente, mas por ter optado por uma cobertura entusiasmada a partir dos atos públicos em Curitiba, que serviu de ensaio geral, e em São Paulo, no feriado de 25 de janeiro. Essa segunda reportagem, assinada pelo próprio Kotscho, aludia à letra do Hino Nacional cantado no evento, para dizer que na praça



Diretas-Já na praça da Sé, em São Paulo (25/1/1984)

Fernando Santos/Folhapress

120  GERDAU

O futuro se molda

A raiz de uma das maiores produtoras de aço do mundo está no sonho de uma família empreendedora. Em 1901, a família Gerdau plantou uma fábrica de pregos em Porto Alegre (RS). Enquanto a empresa crescia, ela foi se entrelaçando com a vida das pessoas. Com a sua vida.

Passando pela casa onde você mora, pelo carro que você dirige, pelas pontes por onde você passa, pelo lugar onde você trabalha. Tornando visível tudo aquilo que realmente importa para você. Não é só sobre aço que estamos falando: é sobre acolher, mover, aproximar, realizar.

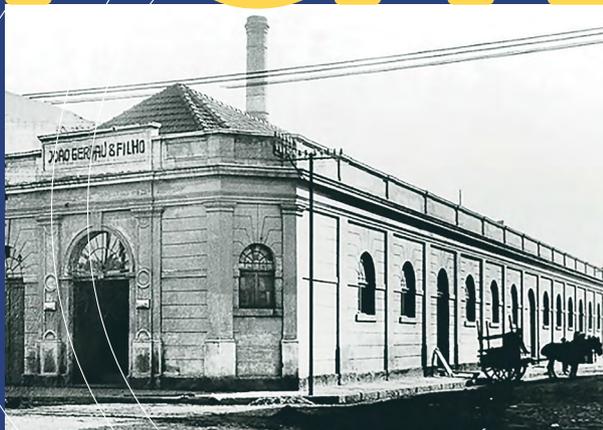
Aos 120 anos, a Gerdau é uma árvore que não para de dar frutos. Além de maior empresa brasileira produtora de aço, é também a maior recicladora da América Latina: 73% da sua produção vem daí. Mas ela quer aproveitar essa data não apenas para celebrar o seu legado, e sim para reafirmar o seu compromisso com o futuro.

A Gerdau está regando hoje mesmo o amanhã de questões urgentes como educação, habitação, sustentabilidade e empreendedorismo. Porque tão importante quanto o que colhemos são as sementes que deixamos para o futuro.



Colaboradora Juliana Brun, da Gerdau Osiqua, no Rio de Janeiro, representando nossos mais de 30 mil colaboradores em 10 países.

raízes



Fábrica de Pregos Pontas de Paris, da Gerdau, em 1901.

da Sé havia explodido o “brado retumbante” preso havia 20 anos na garganta do brasileiro. Enquanto isso, no extremo oposto, a Globo, timidamente, falava de um show por ocasião do aniversário da cidade. A reportagem da Folha, no entanto, é que daria o tom da cobertura, que registrava com empolgação megacomícios cada vez maiores pelo Brasil afora. Não à toa, a Folha seria chamada de “o jornal das Diretas”, mesmo depois de a imprensa em peso ter aderido às manifestações populares.

Não havia imparcialidade nas páginas da Folha, e a fronteira entre interesses políticos e jornalísticos dissolveu-se em meio à esperança. Os três grandes líderes – o deputado peemedebista Ulysses Guimarães, o “Senhor Diretas”, Lula e o pedetista Leonel Brizola – eram incensados. O único puxão de orelha aplicado pelo jornal foi no sentido de

que a campanha não fosse desvirtuada. Em março, em editorial, apontou o dedo para “manobras suspeitas” que estariam pavimentando o caminho para uma eleição indireta. “Negociar o inegociável seria trair o anseio popular”, escreveu a Folha, colocando sob suspeita a intenção dos governadores de oposição – Tancredo Neves, de Minas Gerais, além de Montoro e Brizola.

Apesar da intensa mobilização, em 25 de abril a emenda não passou, como previsto por quem fazia a conta realista dos votos prováveis. Na Câmara, faltaram 22 votos. No dia seguinte, a Folha expressou o sentimento generalizado com uma manchete em letras garrafais e ponto de exclamação: “A nação frustrada!”. Ao lado, um editorial, “Cai a emenda, não nós”, reafirmava o compromisso democrático do jornal.

seria canalizado para o *Projeto Folha*. De acordo com a análise da direção do jornal, com o término do consenso suprapartidário e a perspectiva do fim iminente da ditadura, as diversas correntes políticas buscariam sua própria voz e, portanto, não faria mais sentido, jornalisticamente, emprestar apoio incondicional a esta ou aquela sigla. Foi a partir desse diagnóstico que o *Projeto Folha* elegeu o pluralismo e o apartidarismo como seus principais pilares.

Elaborado pelo novo diretor de Redação, com a colaboração de Carlos Eduardo Lins da Silva e Caio Túlio Costa, o *Projeto Folha* estabelecia também uma homogeneização de estilo e critérios mais rígidos de apuração, interrompendo os arroubos personalistas dos anos anteriores, sobretudo durante a breve campanha das *Diretas*, quando se estimularam abordagens mais

impressionistas. A ideia era “dessentimentalizar o texto jornalístico”, na expressão de Otavio. Para Carlos Eduardo, o jornal sofria de “hipertrofia de opinião”, como anotou em *Mil dias: os bastidores da revolução em um grande jornal*, tese acadêmica que dissecou a implantação do projeto.

Um *Manual Geral da Redação*, publicado em agosto de 1984, deu forma ao *Projeto Folha*, cuja primeira versão foi mais draconiana que as atualizações subsequentes. Foi um início traumático, típico das grandes rupturas. Houve forte resistência, sobretudo por parte dos jornalistas mais experientes, que se sentiram tolhidos. Circulou um abaixo-assinado, logo endossado por quase dois terços dos profissionais das Redações do grupo em São Paulo. Em fevereiro de 1985, o documento foi entregue por alguns editores a Frias, que rebateu energicamente

A campanha escancarou a distância editorial entre a Folha e a Folha da Tarde, que chegou a relativizar o cerco a Brasília, a cargo do general Newton Cruz, numa tentativa de tumultuar a votação. No mês seguinte, Adilson Laranjeira e Carlos Brickmann, repórter que se destacara na cobertura das Diretas, foram designados para dirigir a Folha da Tarde com a missão de lhe imprimir uma linha próxima da adotada pela Folha. Também em maio, Otavio, que aos 27 anos já atuava como secretário do Conselho Editorial, assumiu a direção de Redação.

Projeto Folha

A campanha das *Diretas* já capitalizou editorialmente a Folha. A questão que se colocava era como usar esse capital. Pela rapidez com que a decisão foi tomada, no entanto, não havia dúvida: o abundante patrimônio editorial

as críticas, numa longa intervenção que foi gravada, transcrita e dada a conhecer aos demais jornalistas. Quatro signatários em cargos de confiança foram demitidos, os demais, afastados de suas funções.

O projeto logo seria testado na prática quando, depois da derrota das *Diretas*, a oposição passou a articular-se para disputar o pleito indireto, em que o colégio eleitoral seria o mesmo que tinha jogado um balde de água fria na vontade popular. Astucioso e moderado, Tancredo emergiu como candidato natural. Ele concorreria com Paulo Maluf, que forçou sua candidatura, provocando um racha na legenda do governo, o Partido Democrático Social (PDS).

A imprensa acolheu com simpatia a campanha de Tancredo. Para os jornais,



Você conhece
o **seu negócio**.

E nós sabemos
como **dar voz** a ele.

Porque
COMUNICAÇÃO
está no nosso
DNA.



Agradecemos aos nossos
clientes por nos darem
a oportunidade de atuar
em **todos os setores
de negócios do Brasil!**

GRUPO **bcw** BRASIL

ele representava o campo progressista, enquanto Maluf encarnava o retrocesso. Menos para a Folha. Norteadado pelo projeto recém-introduzido, o jornal repeliu o maniqueísmo, tratando da mesma maneira os dois candidatos. Havia uma obsessão em ouvir o "outro lado", dar voz ao acusado. Considerada malufista por grande parcela da sociedade – aquela que queria virar a página da ditadura –, a Folha sabia estar deixando para trás os tempos de unanimidade.

Eleito Tancredo, em janeiro de 1985, o desafio seguinte da Folha pareceu ainda maior. Na véspera da posse, em 15 de março, o presidente foi operado de urgência e enfrentaria um calvário de 38 dias, até morrer, em 21 de abril. Nesse período,

o Brasil acompanhava aflito e atônito a luta pela vida daquele que seria descrito como "mártir da democracia". A preocupação estendia-se também ao campo político, pois se ignorava a reação dos militares, que aceitavam Tancredo, mas não necessariamente seu vice, José Sarney, que depois de fazer carreira à sombra dos militares bandeou-se para a oposição, deixando pelo caminho um rastro de ressentimento.

Os jornais, em vez de noticiar, torciam pelo desenlace que julgavam melhor para o País. A Folha, ao contrário, apenas investigava. Descobriu por exemplo que, em vez da diverticulite anunciada, Tancredo tivera um tumor benigno – um furo obtido pelo próprio Frias, que tinha

boas fontes na comunidade médica. O que mais irritou os leitores foi a manchete Médicos esfriam Tancredo, em referência ao procedimento de hipotermia. No fim, a Folha, com seu distanciamento de caso pensado, saiu-se melhor do que a imprensa em geral, que pareceu acreditar que o otimismo tivesse o condão de alterar a realidade.

Um terceiro teste do Projeto Folha deu-se em fins de 1985, na disputa pela prefeitura de São Paulo entre Fernando Henrique Cardoso e Jânio Quadros. Mais uma vez, a sociedade paulistana bem pensante não titubeou: entre um intelectual atilado que se opôs à ditadura e um político estrambelhado que involuntariamente contribuía para o golpe de 64 era fácil



100 anos Folha de S. Paulo

Há 100 anos, a **Folha de S. Paulo** é uma bandeira da informação confiável e da liberdade de expressão, elementos imprescindíveis de uma democracia.

A **XCOM** acompanha esta trajetória e compartilha dos mesmos valores.

Parabéns, Folha!



ticar a primeira opção. A Folha, porém, fiel ao princípio do apartidarismo, manteve equidistância dos candidatos. Para muitos observadores, teria até, indiretamente, causado a derrota de FHC, pois, no último debate na TV, o candidato atrapalhou-se diante de Boris Casoy, então editor do *Painel*, que lhe perguntou, de forma um tanto extemporânea, se ele acreditava em Deus.

O episódio suscitou uma polêmica nas páginas do jornal que jogaria luz sobre o *Projeto Folha*. José Arthur Giannotti, próximo de FHC, argumentou que "por trás do véu da liberdade de imprensa, a pergunta visava estrepitar o outro". A Folha, segundo o filósofo, mostrava-se "desvairadamente cética a fim

de cobrir seu fundo niilista", ao praticar um jornalismo crítico de tudo e de todos. Otavio respondeu: "Para a imprensa partidária, que explora o jornalismo como técnica de convencimento, o ponto de vista a adotar é o do militante. Para a imprensa apartidária, que explora o jornalismo como técnica de conhecimento, o ponto de vista a adotar é o do eleitor". Segundo o diretor de Redação, "explorar o terreno escuro da objetividade" seria o propósito desse jornalismo.

Por que "terreno escuro"? Porque, embora não exista objetividade em jornalismo, o jornalista tem a "obrigação de ser o mais objetivo possível", como dizia o Manual. Essa perspectiva não deve ser confundida com a percepção

dominante do jornalismo praticado nos Estados Unidos, onde se acredita, ingenuamente, ser possível a adoção de um ponto de vista neutro. "O projeto e o manual não fazem a defesa da objetividade nos mesmos moldes da escola americana tradicional, entre vários motivos, porque seus autores são pessoas que leram e absorveram a crítica marxista contra tal defesa", escreve Carlos Eduardo em *Mil Dias*.

O livro expõe também a lógica mercadológica da Folha, que em 1986 se tornaria o jornal de maior circulação no País. "O pluralismo e o apartidarismo são necessários


Jânio e FHC

imagem corporativa

Nossa trajetória é baseada em compromissos.

QUER SABER MAIS? CLIQUE AQUI



não porque eles representem uma objetividade eticamente desejável nem porque eles signifiquem que o jornal é capaz de representar o real sem deformações, mas apenas porque o público que consome o jornal é composto por pessoas com diferentes visões de mundo e, como o jornal não pode prescindir de nenhum grupo significativo de seus leitores, deve representar cada um deles no noticiário e não discriminar nenhum”.

Menos por razões doutrinárias como essas, e mais pelos aspectos formais (textos mais curtos, fragmentação da notícia, uso de infográficos) e de produção (como o pioneirismo no uso de computadores na Redação, em 1983), a Folha acabaria fazendo escola nos

anos seguintes. Uma das poucas novidades do Projeto Folha não incorporada pelos jornais foi a criação da função de ombudsman. Embora o cargo existisse desde 1986, permaneceu vago por falta de quem aceitasse o convite, e só viria a ser ocupado três anos mais tarde por Caio Túlio Costa.

Caio formatou a função, mas o saldo mais memorável de seu mandato foi uma ácida polêmica com Paulo Francis, então a maior estrela do jornal. Francis tivera uma trajetória, típica de tantos intelectuais, que o levou da esquerda trotskista para a direita preconceituosa, sem que tal guinada comprometesse o viço do seu texto, o mais coloquial e erudito da imprensa brasileira. Em 1989, no contexto da disputa eleitoral

entre Lula e Collor, Francis escreveu – e a Folha destacou na capa – que uma eventual vitória de Lula transformaria o Brasil em algo equivalente à Nicarágua sandinista. Caio escreveu: “Não se deve cobrar jornalismo neste tipo de artigo que o Francis faz. Ali ele é mais o Francis ficcionista, o cronista dos tempos”. A partir daí os dois digladiaram por semanas até pouco antes da posse de Fernando Collor, em março de 1990. No final do ano, Francis aceitou um convite do Estado. A Folha deu satisfação aos leitores numa notinha: “Desde o início do ano vinham crescendo as divergências de natureza editorial entre a Folha e o correspondente em Nova York”. **Confronto com Collor**

Depois das *Diretas-Já*, a Folha

NÃO DÁ PRA VIVER 100 A FOLHA. COMO NÃO DÁ PRA VIVER 100 BANCO. BANCO É ESSENCIAL.

UMA HOMENAGEM AOS 100 ANOS DA FOLHA.

FEBRABAN

Federação Brasileira de Bancos

BANCO É ESSENCIAL PRA VOCÊ. VOCÊ É ESSENCIAL PRA GENTE.

voltaria a ter protagonismo na política nacional ao trombar de frente com Collor muito antes de o presidente ter caído em desgraça.

Na história da República, ele foi o primeiro presidente inventado pela imprensa. Quase todos os outros venceram com o apoio dela, mas o governador de Alagoas não teria tido, por conta própria, o empuxo necessário para despontar no cenário nacional. O fato é que, na época, a elite procurava uma nova liderança que aglutinasse as forças capazes de conter a ascensão da esquerda.

Os nomes tradicionais, encabeçados por Ulysses Guimarães, haviam adernado a bordo do barco de Sarney, que, sem conseguir domar a inflação, deixava o governo

como um dos presidentes mais impopulares da história recente.

Filiado a um partido nanico, o PRN, Collor era praticamente desconhecido fora do estado que governava. Antes da campanha, teve que se apresentar a donos de jornais, pois muitos nunca haviam tido contato com ele. A juventude, a aparente modernidade e sobretudo o discurso liberal impressionaram os interlocutores, o que ficaria claro no tom bastante favorável do noticiário da campanha. Na Folha, em contraste, ele recebeu um tratamento mais equilibrado. Sem desgostar de sua profissão de fé no liberalismo – corrente que conquistava o mundo às vésperas da derrocada da União Soviética –, o jornal o via com alguma desconfiança. No início

de 1989, antes de a campanha deslançar, a Folha debateu, internamente, a cobertura. O texto que serviu de base para a discussão foi escrito por Gilberto Dimenstein, diretor da sucursal de Brasília. O título – *Vamos vender Coca-Collor?* – embutia a opinião do autor, que acabou sendo endossada pela direção.

Sempre zelosa na observância do princípio do apartidarismo, a Folha publicou reportagens a favor e contra Collor. Entre estas, uma série de autoria de Elvira Lobato revelava a ajuda de Collor a usineiros de cana-de-açúcar em acordos tributários lesivos ao contribuinte. Outra investigação mostrou que Collor fizera centenas de contratações pouco antes de deixar a



intel

Do something wonderful.™

Prefeitura de Maceió, cargo que ocupara anteriormente, por indicação, durante a ditadura. Das duas investidas do jornal, a primeira abalava sua imagem de crítico das oligarquias e a segunda, a de defensor da moralidade pública. Collor também se irritou com as críticas do colunista Clóvis Rossi, que o comparava a Jânio Quadros e o considerava um fenômeno de marketing.

Como a maioria da imprensa, o jornal reagiu com cautela ao pacote de medidas anti-inflacionárias anunciado após a posse, e que incluía um inédito confisco de grande parte da poupança da população, com o bloqueio temporário das contas. Tendo herdado uma inflação de 84% ao mês, Collor contou com a

compreensão inicial dos jornais. A Folha escreveu em editorial sobre o plano: "Seu insucesso precipitará o País num colapso econômico, social e político de tais dimensões que qualquer esforço capaz de evitá-lo terá valido a pena".

Em vez de ocupar-se em tempo integral do problema econômico que afligia o País, Collor dividiria a atenção, procurando também uma retaliação contra a Folha pelo tratamento dispensado durante a campanha. Em 23 de março de 1990, a Polícia Federal invadiu a sede do jornal, que noticiou o fato nestes termos: "Acompanhados de fiscais da Receita Federal, os policiais, que estavam armados, realizaram duas horas e meia de truculenta inspeção". Os agentes

foram atrás de Frias. Não o encontraram e levaram dois diretores e uma secretária para prestar depoimento na sede da PF. O pretexto da ação era frágil, uma questiúncula qualquer sobre faturas expressas na moeda que havia sido trocada no anúncio do plano.

A Folha interpretou o episódio como tentativa de intimidação e respondeu com um editorial na capa intitulado A escalada fascista. Chamava os invasores de "esbirros de uma ditadura ainda sem nome" e identificava "sinais inequívocos, alarmantes e inaceitáveis de



FOLHA DE S. PAULO
EDITORIAL
A escalada fascista
Assuntos da ordem pública, a segurança pública, a moralidade administrativa, a ética profissional, a integridade moral, a honestidade, a transparência, a responsabilidade social, a ética empresarial, a ética governamental, a ética política, a ética midiática, a ética acadêmica, a ética científica, a ética artística, a ética esportiva, a ética profissional, a ética cidadã, a ética global, a ética universal, a ética humana, a ética divina, a ética eterna, a ética infinita, a ética absoluta, a ética relativa, a ética contextual, a ética situacional, a ética pragmática, a ética idealista, a ética realista, a ética utópica, a ética crítica, a ética construtiva, a ética transformadora, a ética libertadora, a ética emancipadora, a ética libertadora, a ética emancipadora, a ética libertadora, a ética emancipadora.

Confiança e transparência. Valores essenciais para o banco e a imprensa.

O Itaú Unibanco agradece o empenho de todos os profissionais que constroem a credibilidade do jornalismo brasileiro.





uma aventura totalitária”. Otavio afirmou o que todos desconfiavam, que Collor estava por trás da invasão, e a considerou “um ato estúpido e ilegal”. E pegou pesado: “Não reconheço [Collor] como presidente da República, mas como usurpador vulgar da Constituição”.

Como a invasão não produziu provas contra a Folha, Collor tentou cercar o jornal por outros meios. Em julho de 1990, o jornal revelou que o governo contratara, sem licitação, duas agências de publicidade que haviam feito a campanha de Collor. O tema também foi objeto de duas notinhas publicadas na seção *Painel Econômico*. Com base nessas notas, o presidente decidiu processar Otavio e três

jornalistas que participaram da apuração. Em 25 de abril de 1991, enquanto o caso se arrastava na Justiça, o diretor de Redação publicou uma carta aberta endereçada a Collor, que ocupava metade da primeira página e denunciava sua intenção de tentar calar a Folha. “Sei que o sr. voltou todo o aparelho de Estado contra este jornal, em que parece identificar um perigoso paradigma de independência a ser punida, de altivez a ser exemplada, de vigilância a ser reprimida”. Premonitório, Otavio avisou: “Devo dizer que quanto mais o sr. persegue este jornal maior é o ânimo que vejo nos olhos dos jornalistas – e não apenas da Folha”.

Em janeiro de 1992, os jornalistas foram finalmente

absolvidos. Nessa altura, às vésperas do processo que seria chamado de *Collorgate*, o presidente já estava na mira da imprensa em geral. Ele seria acusado de prevaricação, defesa de interesses privados no governo, corrupção passiva, formação de quadrilha e estelionato. O protagonismo desse momento histórico do jornalismo coube às revistas: à *Veja*, por ter colocado o assunto na pauta nacional, a partir da bombástica entrevista com Pedro Collor, irmão do presidente, e à *IstoÉ*, que, ao entrevistar um motorista, estabeleceu a conexão entre Collor e o esquema de PC Farias, tesoureiro de sua campanha.

Sem contribuir decisivamente com reportagens

Folha de São Paulo e RPMA Comunicação

*Cada uma com sua receita
ambas com o gostinho de quero mais*

Seja fazendo 100 anos, como a Folha, ou 2 anos de união, como a RPMA, a receita para estar entre os melhores do Brasil é a mesma: dedicação, vontade de crescer e de botar a mão na massa. É isso que nos incentiva a continuar colocando fermento e ousadia em tudo que fazemos para dividir com nossos clientes e parceiros o doce sabor do sucesso.

Estão servidos?



investigativas, os jornais, inclusive a Folha, atuaram como caixa de ressonância do movimento que pedia o *impeachment* de Collor. Em 30 de junho, Folha e Estadão saíram com editoriais na capa exigindo a renúncia. O da Folha dizia: "A sociedade brasileira assiste, angustiada e estarecida, ao completo colapso da credibilidade presidencial. [...] Collor não possui, hoje, condições de governar o País".

A Folha conseguiu captar com mais eficiência o estado de espírito da população ao se aproveitar de uma última bravata de Collor, que em 13 de agosto pediu a seus apoiadores que saíssem nas ruas usando verde e amarelo. O jornal, em iniciativa que lembrou os tempos das *Diretas-*

Já, incitou os defensores do *impeachment* a usarem preto, cor da tarja que imprimiu sob o cabeçalho. O editorial deixava clara a intenção: "Generaliza-se a ideia de usar a cor negra como expressão do descontentamento, do protesto, da rebeldia contra um governo desmoralizado, perdido na megalomania e na inconsciência".

Em 29 de setembro, a Câmara autorizou a abertura do processo de *impeachment*. Collor renunciaria em 29 de dezembro de 1992.

Em meio à polarização

Depois do mandato-tampão de Itamar Franco, a política brasileira viveria por duas décadas um período de polarização, marcado pela

oposição entre o PSDB e o PT. Não que as duas legendas fossem tão diferentes assim – até porque, para chegarem ao poder, ambas deslizaram em direção ao centro. De qualquer maneira, os tucanos ocupam o campo conservador enquanto os petistas exercem hegemonia entre as forças progressistas. Nesses vinte anos, a imprensa, de um modo geral, alinhou-se ao PSDB de FHC, e nos momentos decisivos atacou o PT, às vezes com golpes baixos. Na Folha, críticas e elogios foram distribuídos de maneira mais equitativa, o que tem feito leitores à direita considerarem o jornal petista ou de esquerda, enquanto aqueles à esquerda acreditam que o jornal faz o jogo da direita. O jornal dá a entender



Parabéns à
Folha de S.Paulo
pelo seu primeiro
centenário de
existência!

Que venham muitos
outros anos de sucesso
entregando informação de
qualidade e relevante para
a sociedade brasileira!



RHODIA
SOLVAY GROUP

ESPECIAL 100 ANOS FOLHA DE S. PAULO

que tais manifestações são bem-vindas, na medida em que refletem o apartidarismo sempre perseguido.

Ex-colunista da Folha, FHC nem sempre teve motivos para se mostrar satisfeito com a maneira com que foi retratado em suas páginas. É verdade que, com poucas ressalvas, a Folha elogiou o plano Real, cujo êxito lhe garantiu a vitória em primeiro turno em 1994. No final do ano, o jornal chegou até a brincar com a imagem de Itamar, em cujo mandato o plano foi implantado, ao comentar: "Os livros de história vão dizer que um presidente fez o sucessor. Mas há quem diga que este é o caso de um sucessor que fez o presidente".

Nos oito anos de FHC, no entanto, a Folha não deixou de

publicar reportagens que lhe foram desfavoráveis. A partir do final de 1996, a imprensa levantou uma sobrançelha de dúvida sobre as negociações que precederam a votação da emenda constitucional que permitiria a reeleição do presidente. A ideia em si agradava, mas havia convicção de que o Congresso fora transformado em balcão de negócios. A Folha pôs o dedo na ferida: "Avoluma-se a sensação de que a negociação transita também por escaninhos obscuros, o que tende a manchar a tese da reeleição". Em maio de 1997, Fernando Rodrigues, da sucursal de Brasília, mostrou que votos a favor da emenda haviam sido efetivamente comprados. O jornal transcreveu gravações de

conversas de dois deputados do PFL do Acre, com uma pessoa que o jornal identificou como Senhor X. No diálogo, eles admitem ter recebido, cada um, R\$ 200 mil.

Em maio de 1999, já no segundo mandato de FHC, a Folha jogou areia naquela que seria uma das principais vitrines do liberalismo do presidente: as privatizações. Em junho do ano anterior, o leilão da Telebrás, o maior da história, arrecadara R\$ 22 bilhões para os cofres públicos. Passada a eleição de outubro, no entanto, o colunista Elio Gaspari, da Folha e do Globo, divulgou a existência de fitas que indicavam o favorecimento de um concorrente. A informação provocou a queda do ministro das Comunicações, Luiz Carlos



PARABÉNS À FOLHA DE S. PAULO PELOS 100 ANOS

Uma homenagem de quem possibilitou a impressão do primeiro jornal com papel 100% nacional ao jornal de maior circulação do país.



A Klabin é a maior produtora e exportadora de papéis para embalagens do Brasil.

klabin.com.br





Mendonça de Barros, outro ex-colaborador da Folha. Na sequência, Elvira Lobato e Fernando Rodrigues obtiveram a íntegra das 46 fitas, cujos

principais trechos ocuparam 12 páginas do jornal.

incomodado de verdade pela Folha por algum tempo.

Eleito presidente em 2002, Lula também sentiria na pele o apartidarismo da Folha, para a irritação alternada de seus admiradores e críticos. No início, o jornal simpatizou com seu deslocamento para o centro, mais próximo da socialdemocracia, que no passado havia sido defendida por parte dos tucanos. O bicho-papão temido pela elite não era, afinal, tão feio assim, e alguns setores, como o bancário, devem até ter achado que ele escondia uma beleza inesperada sob a barba. A Folha notava isso, embora não com essas palavras. O jornal também creditava a Lula uma política social consistente. Com tudo isso, o petista não seria

O tranco, no entanto, quando veio, veio forte. Em 2005, estourou o escândalo dos Correios. Em maio, a Veja transcreveu um vídeo em que Roberto Jefferson, presidente do PTB, é citado como o homem forte por trás do esquema de desvio de dinheiro público na empresa. Aliado do governo no Congresso, o deputado percebeu que o Palácio do Planalto o deixaria na mão, e decidiu não cair sozinho. Em 6 de junho, em entrevista a Renata Lo Prete, da Folha, o parlamentar revelou que congressistas da base aliada recebiam "mensalidades" de R\$ 30 mil para votar a favor de projetos do governo. O "mensalão", que provocou

EXCLUSIVO

PT dava mesada de R\$ 30 mil a parlamentares, diz Jefferson

Presidente do PTB afirma que avisou ministros, mas que esquema de compra de apoio só parou após conversa com Lula

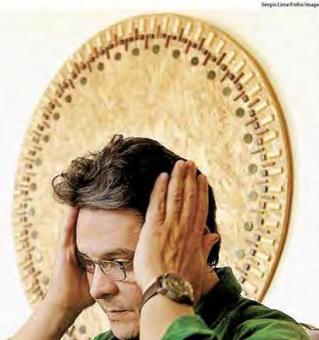
DELBÓRIO "Ele disse ao presidente: 'O Delbório vai botar uma dinamite na sua cadeira. Ele continua dando 'mensalão' aos deputados'." (Lobato) "É dia em que todo mundo volta a trabalhar no Brasil" (Lula)

LULA "O presidente Lula chorou. Falou: 'Não é possível isso'. E chorou. Eu falei: 'É possível sim, presidente'. Depois disso, foi pagamento da mesada' parou."

MESADA "Tudo o que você está vendo aí nesse quadro debruço é que o 'mensalão' tem que passar para R\$ 50 mil, para R\$ 60 mil"

AMANTE "Ele [o PT] nos usa como uma amante e tem vergonha de aparecer conosco na luz do dia"

MANDATO



RENATA LO PRETE, ESTRELA DO PAINEL Jefferson diz que a mesada era tática do partido. "É mais barato pagar o exército mensalmente do que dividir poder." O deputado é acusado de envolvimento em suposto esquema de corrupção nos Correios e no IRB (Instituto de Resseguros do Brasil), estatais que tem indicados de seu partido em seus quadros principais. As acusações levaram a pedido de CPI que o governo quer enterrar. O deputado, que já atacou a abertura da comissão, agora afirma ser a favor. Questionado sobre por que mudou de ideia, disse que o governo agiu para isolar o PTB. "Vai ter que sangrar a cabeça de alguém na galhota, tem que haver carne e sangue aos chacais. Estou percebendo que estão encucando o quartirão, e o PTB está ficando isolado para ser explodido." Brasil

Pesquisa vê queda no Roberto Jefferson denuncia mensalão em entrevista a Renata Lo Prete



CUIDAR DE REPUTAÇÕES É A NOSSA CAUSA. www.2pro.com.br 2PRO Comunicação

a demissão de José Dirceu da Casa Civil (e sua posterior prisão), seria um divisor de águas do Governo Lula.

Apesar do baque, o presidente reelegeu-se no ano seguinte e, por um tempo, beneficiou-se de uma trégua por parte da imprensa. O País crescia, havia estabilidade, a eleição seguinte ainda estava longe. A situação mudaria quando, em 2008, Lula lançou a candidatura de Dilma Rousseff à sua sucessão. O noticiário negativo ao governo se adensou.

Na Folha, duas reportagens foram mal-sucedidas. Na primeira, em abril de 2009, o jornal publicou que, em 1969, Dilma, que atuara na luta armada, teria sabido de um plano para sequestrar o ministro da Fazenda, Delfim Netto. A Folha usou uma suposta ficha policial que circulava havia meses na internet e cuja

realizado até então. A Justiça, afinal, não só não era cega, como tinha um olho voltado para o poder.

Essa perspectiva nuançada diferenciou a Folha dos veículos mais conservadores, a maioria. O jornal esteve longe, por exemplo, de ter se regozijado com a prisão de Lula e, mesmo considerando que ele teria culpa no cartório, defendeu o entendimento constitucional que permitiria sua soltura, depois de 580 dias encarcerado, período em que o líder do PT colocou seu candidato no segundo turno das últimas eleições. As posições da Folha provocam constantemente seu leitorado. Para os mais à esquerda, o jornal fica aquém. Para os mais à direita, vai além. Para uns, a Folha morde. Para outros, assopra. Para muitos, equilibra-se entre extremos. Para quase todos, é relevante.

Mas que ninguém se engane: a Folha é um jornal burguês.

autenticidade Dilma contestou. A cobertura foi criticada pelo ombudsman, Carlos Eduardo Lins da Silva, que cobrou com insistência esclarecimentos do jornal. Na segunda reportagem, em setembro, a Folha forçou a mão com a manchete *Consumidor de luz pagou R\$ 1 bi por falha de Dilma*. Suzana Singer, ombudsman na época, avaliou que o jornal tinha avançado o sinal. "Dar tamanho destaque a um assunto como este não se justifica jornalisticamente", ela anotou em sua coluna. Nos dois casos, o veneno destilado teve o efeito amenizado pelo antídoto institucional com que a Folha tem contado desde que criou o cargo de ombudsman.

Hoje e amanhã

Eleita em 2010, Dilma seria criticada na Folha, à direita e à esquerda, sobretudo pela errática política econômica,

É tão agitada, espalhafatosa, cabotina, disruptiva, radical e aberta que às vezes as pessoas se esquecem disso. Otavio Frias Filho, que também foi dramaturgo e ensaísta, não esquecia. Gostava de citar a fórmula de Luiz Alberto Bahia, integrante do Conselho Editorial: "O grande jornal burguês tem que ser conservador em economia, liberal em política e revolucionário em cultura". Para ele, a Folha se enquadrava nessa categoria. Nesses cem anos, tornou-se, no sentido do aforisma de Nietzsche, o que sempre foi.

Bolsonaro proporcionou, voluntariamente ou não, a construção de um consenso editorial que não se verificava desde os estertores da ditadura, quando "todos" eram contra o regime militar. Embora a sociedade esteja dividida, com cerca de um terço de apoio a Bolsonaro, a imprensa séria em peso tem sido crítica ácida

que teve resultado desastroso. A polarização dos anos anteriores foi exacerbada no segundo mandato, já a partir da tentativa da oposição de contestar o resultado da eleição. Articulou-se o impeachment e o jornal, sem endossar a narrativa de que teria havido um golpe, também não comprou pelo valor de face a tese que o sustentou, a de que as tais pedaladas fiscais constituiriam crime passível de tal punição. A Folha também foi crítica dos métodos da Lava Jato e, embora tenha sempre noticiado com destaque cada uma de suas ações, identificava assimetrias nas investigações a petistas e tucanos, fazia reparos a açodamentos nos processos jurídicos, notava o timing eleitoral de algumas decisões e estranhou que o juiz à frente da operação tivesse aceitado convite para ser ministro de Bolsonaro, contaminando de vez a imagem do trabalho

de seu governo, e a Folha não é exceção. Em suas páginas o presidente tem sido retratado sem retoques. Como uma autoridade que dissemina fake news. Um retrógrado na pauta de costumes. Irresponsável na condução do combate à pandemia. Semeador de ódio. Um revisionista da ditadura que faz apologia de torturadores. Como uma ameaça às instituições, por enquanto via retórica golpista. Um associado à milícia que quer armar a população e usa a máquina pública em defesa de membros da família próximos da bandidagem. Alguém sem compostura ou decoro. E que faz vista grossa para que se passe a boiada contra o meio ambiente. Em editorial de primeira página no final do ano passado, a propósito da resistência de Bolsonaro à vacina, a Folha o acusou de "irresponsabilidade delinquente", "descaso homicida" e "estupidez assassina". Se ele tem uma





virtude, é a transparência, pois desde muito antes da eleição já defendia tudo isso aí, talvez?

Nesta semana, a semana do centenário da Folha, Bolsonaro – expressando-se com uma ambiguidade que resulta em parte da indigência intelectual magnificada pela evidente limitação cognitiva e em parte da esperteza daninha de político malandro, de picareta oriundo do baixo clero da Câmara –

nesta semana, repito, Bolsonaro mencionou que "o certo" seria tirar de circulação a Folha, entre outros veículos, embora, com seu fraseado torto e reticente, tenha dito também que não faria isso. Noves fora, fica a ameaça velada, a faca presidencial encostada no peito de uma instituição democrática.

A desinformação promovida por Bolsonaro tem levado os jornais a iniciativas que procuram corrigir as distorções largadas no cercadinho do Palácio do Planalto. Nesse sentido, um consórcio de veículos do qual a Folha faz parte tomou a si a tarefa de contabilizar as vítimas da Covid-19, uma vez que o Ministério da Saúde apresentava relatórios incompletos, tardios e pouco confiáveis, prejudicando a estratégia de combate ao coronavírus. Em outra frente, a Folha sentiu-se impelida a dar visibilidade à defesa da democracia. Sob o cabeçalho da primeira página, num espaço nobre e institucional, trocou a

tradicional divisa – "Um jornal a serviço do Brasil" – por outra mais comprometida: "Um jornal a serviço da democracia". Na mesma linha, promoveu um curso online sobre o que foi a ditadura militar, para restabelecer a verdade factual, que o presidente, sempre que pode, procura torcer. Ah, justo a Folha, alguém vai dizer, que no passado recente cunhou um termo lamentável, "ditabranda", para dizer que a ditadura brasileira matou menos que a de países vizinhos. Sim, a Folha errou, e reconheceu em seguida o erro. Aliás, o próprio curso, que coube a mim ministrar, encarrega-se de lembrar o escorregão.

A Folha, como se sabe, é uma empresa familiar, o modelo mais comum nos grupos jornalísticos brasileiros. Ao longo dos anos, criou o UOL e extrapolou a natureza original do negócio, enveredando também para o setor financeiro, com o PagSeguro, empresa de meios

de pagamento, responsável por uma captação bilionária na Bolsa de Nova York em 2018. A diversificação exitosa é obra de Luiz Frias, irmão de Otavio.

A nova geração assimilou a lição de seu Frias, para quem a independência financeira precede a liberdade de imprensa. Nos anos 1990, nos almoços semanais com editores, sempre que um deles vinha com uma ideia brilhante, o dono do jornal queria saber se o projeto, por mais sensacional que parecesse ao propositor, tinha viabilidade econômica. E completava com uma metáfora: "Sem bilheteria não tem circo". Apesar da crise atual – que é sistêmica, dos jornais, e conjuntural, da pandemia – o guichê da Folha mantém o espetáculo.

A Folha comemora seu centenário testemunhando o sucesso de um projeto que,

apesar de polêmico, ou por isso mesmo, vingou. Nas últimas décadas, sua bandeira foi levantada por muita gente. Gente de diferente formação, background, perspectiva e interesse, como Matinas Suzuki Jr, Leão Serva, Eleonora de Lucena, Sérgio Dávila e, antes dele, Maria Cristina Frias, irmã de Otavio, que, tendo assumido após sua morte, deixou o comando da Redação em 2019, num contexto de disputa acionária. (Cabe aqui um breve parêntese para registrar que Otavio, raciocinando contra o próprio interesse, considerava uma "anomalia monárquica" o modo de transmissão de controle nas empresas jornalísticas e, falando genericamente, achava que sua profissionalização crescente seria uma tendência no Brasil.)

A lista de colaboradores acima é propositalmente curta.

Uma lista maior aumentaria o risco de injustiça com os não mencionados. Que os cinco citados, além dos que apareceram ao longo deste texto, representem os milhares de jornalistas que passaram pela Folha nesses cem anos, e os que ainda a fazem. Jornal não é papel, tinta, maquinário, sede. Jornal é gente. Gente que apura, escreve, fotografa, analisa, hierarquiza a notícia. É por isso que o jornalismo continuará existindo mesmo se, ou quando, esse processo dispensar de vez papel, tinta, maquinário, sede.

Desconfio que a Folha, ao festejar a data, esteja mais atenta aos desafios do futuro do que às glórias do passado. Como dizia seu Frias, citando a personagem bíblica que se deu mal ao girar a cabeça sobre o ombro: "Quem olha para trás vira estátua de sal".

“A Folha segue sendo a Folha”

Sérgio Dávila, diretor de Redação, fala a J&Cia sobre o presente e o futuro do jornal:

Jornalistas&Cia – *Na celebração do centenário da Folha de S.Paulo, a plataforma que consagrou o jornal, o papel, é séria candidata à extinção, pelas profundas transformações em curso no jornalismo contemporâneo. Como o Grupo Folha enxerga essa questão e como tem se estruturado pensando na longevidade de suas marcas impressas, sobretudo a própria Folha de S.Paulo e o Agora? Haverá em uma ou duas décadas espaço para veículos impressos no Brasil? A Folha espera estar entre eles?*

Sérgio Dávila – O negócio da Folha é produzir conteúdo de qualidade, segundo os preceitos do jornalismo profissional, com a curadoria de que o leitor necessita

cada vez mais num mundo em que *news* e *fake news* se misturam e que tudo tem a mesma estridência. Para esse tipo de jornalismo, sempre haverá espaço e público, como mostram os recordes de leitura alcançados por veículos como a Folha em 2020. A plataforma vem depois. Já foi unicamente papel, hoje é principalmente digital. Como será amanhã? Octavio Frias de Oliveira (1912-2007), o “seu” Frias, ex-publisher da Folha, ensinava que jornalista não deve fazer previsões.

J&Cia – *Sabendo que a Folha tem participação indireta e minoritária no UOL, um dos maiores portais de notícias do mundo, qual o futuro da marca Folha, inclusive no mundo digital? Como o Grupo tem trabalhado com as conexões editoriais e como pensa o futuro nesse campo?*

Sérgio – Folha e UOL são duas empresas distintas, com comandos e acionistas distintos. A relação entre o jornal e o portal tem sido simbiótica: um fornece conteúdo de qualidade para o outro, que paga por ele e pode dar uma visibilidade enorme e audiência a esse conteúdo. Esta visibilidade colabora para que a audiência da Folha na internet tenha sido 120% maior do que a de seu concorrente direto, O Estado de S. Paulo, em volume de páginas acessadas, na média, em 2020. No pico da pandemia, a diferença se ampliou, para 170%.

J&Cia – *A pandemia da Covid-19 provocou impacto em todas as atividades e exigiu do jornalismo um esforço descomunal, tanto para cumprir o seu papel de prestador de serviços e de difusor de informações confiáveis, quanto*

para enfrentar a doença em suas próprias fileiras. Qual o legado que a pandemia aporta ao jornalismo e, em especial, ao Grupo Folha?

Sérgio – A pandemia mostrou que a diferença entre *news* e *fake news* pode ser a diferença entre a vida e a morte. Não exagero: quando o então presidente Donald Trump insinuou ao fim de uma entrevista coletiva que ingerir desinfetante poderia matar a Covid19 (não pode, como se sabe), o número de internados por intoxicação desse tipo aumentou nos Estados Unidos. Quem se fiou apenas na palavra do presidente se deu mal. Quem cotejou a informação errada com sites como o do New York Times ou da BBC, que rapidamente colocaram no ar reportagens mostrando o absurdo da fala presidencial, soube que aquilo era um absurdo.

A pandemia mostrou também que o jornalismo não depende do lugar onde os repórteres estão (no auge da pandemia, a maioria estava em casa, mas apurando, indo atrás das informações). Por fim, mostrou que a colaboração é possível mesmo num meio tão

competitivo como o da imprensa brasileira. Exemplo disso é o consórcio inédito de veículos de mídia que se formou para prover ao público dados confiáveis sobre o número de mortos e infectados e, num segundo momento, de vacinados.

J&Cia – *Na sua opinião, o jornalismo de qualidade dos grandes veículos tem conseguido vencer a guerra contra as fake news? Onde temos acertado e onde temos de melhorar, corrigir?*

Sérgio – Tem tentado, mas é como enxugar gelo. As *fake news* contam com uma capilaridade muito grande e, graças a programas de mensagens como o WhatsApp, com uma disseminação rápida e fora do escrutínio público. Ainda assim, a função precípua do jornalismo profissional é separar fato de ficção e publicar o fato. A luta continua e o jornalismo profissional tem prevalecido ao final (como demonstra esta última crise) e continua a pautar as outras mídias. Onde podemos melhorar? Na responsabilização de empresas de tecnologia, por exemplo, que agem como grupos

de mídia, existem como grupos de mídia, mas não querem as responsabilidades dos grupos de mídia.

J&Cia – *De tempos em tempos a Folha reavalia seu projeto e seus caminhos editoriais, atualizando ou mesmo redefinindo prioridades. E a cobertura política tem tido sempre um peso decisivo na estrutura. E tem sido assim desde a transformação do jornal nos anos 1980, com o Projeto Folha, coincidindo com o novo ciclo democrático do País. Quais os planos nessa direção? Há algo novo no horizonte?*

Sérgio – O Projeto Editorial mais recente é de 2017, relativamente novo. Convido-o à releitura: ele segue atual. A Folha estimula a atualização constante. Quando essa atualização for tão abrangente que exija um novo Projeto Editorial, isso será feito. Mas há cláusulas pétreas, inegociáveis: pluralidade, apartidarismo, independência, jornalismo crítico.

J&Cia – *Com a morte de Otavio Frias Filho, idealizador e principal fiador do Projeto Folha, chegou-se a temer, ao menos externamente, que o jornal fi-*



Sérgio Dávila



casas mais vulnerável a pressões políticas e econômicas. Como tem sido a era pós-Otavio, particularmente nas questões mais sensíveis da cobertura política e econômica? Luiz Frias, publisher do jornal, participa diretamente das principais decisões editoriais?

Sérgio – A Folha segue sendo a Folha, até porque o Projeto Folha foi organizado por Otavio a partir de documentos que foram sendo discutidos com o pai, Octavio Frias de Oliveira, e o irmão, Luiz, nos anos 1980. Não era um projeto pessoal ou personalista; prova disso é que, passadas décadas de sua implantação, ele se disseminou pela imprensa brasileira. Luiz Frias participa diretamente das principais decisões editoriais do jornal, principalmente as que envolvem a opinião da Folha, por meio de seus editoriais.

J&Cia – Pouco depois da morte do Otavio uma outra crise abriu-se na Folha, com a demissão de Cristina Frias, acionista da empresa e diretora de Redação.

mente em relação ao governo Bolsonaro?

Sérgio – A jovem democracia brasileira passa hoje por seu maior teste de estresse em 35 anos, sem dúvida, mas até agora o sistema de freios e contrapesos – do qual a imprensa é parte fundamental, como vigia dos poderes constituídos – tem funcionado. Mas a hegemonia da direita, como você escreve, começa a sentir seus primeiros reveses, como a derrota do presidente Donald Trump nos Estados Unidos, o primeiro ocupante do cargo a não ser reeleito em 28 anos.

J&Cia – A propósito, como o jornal posiciona-se politicamente, no espectro ideológico? Alinha-se internacionalmente a outros veículos que adotam postura semelhante?

Sérgio – A Folha é um veículo de inspiração liberal, reformista e aberto à pluralidade de tendências – e sempre crítico. Difere, nesse aspecto, de jornais como The New York Times, que costumam

Como o jornal conduziu esse episódio internamente, com a equipe, no sentido tanto de evitar um desgaste maior quanto reflexos no dia a dia da cobertura?

Sérgio – O episódio está superado e não houve reflexos no dia a dia da cobertura.

J&Cia – Parafraçando o ex-presidente Lula, nunca na história desse País a imprensa mainstream foi tão atacada pelo centro do poder político, sob a liderança e incentivo inclusive do presidente da República. É um fenômeno que tem acontecido também em outras nações. Pesquisas mais recentes, aliás, apontam para uma queda na credibilidade da mídia. Crê que seja onda passageira ou esse pode ser um embate com desdobramentos imprevisíveis e profundas transformações de parte a parte?

Sérgio – A imprensa sempre foi criticada pelos ocupantes de cargos de poder, certamente pelos ocupantes do Planalto ou da Casa Branca. O próprio ex-presidente

tem mais afinidade, nos EUA, com administrações democratas do que republicanas.

J&Cia – Recentemente, o ex-prefeito e ex-candidato à Presidência da República Fernando Haddad deixou o jornal, onde mantinha uma coluna semanal, por sentir-se agredido em um editorial. Disse ele, no artigo de despedida: "Infelizmente, constato que, nos momentos decisivos, a Folha, em lugar de discutir ideias, prefere agredir pessoas de forma estúpida". Haddad teve razão? Como a direção do jornal atua em casos como esse?

Sérgio – O ex-prefeito Fernando Haddad foi convidado a escrever por representar uma parcela importante do leitorado da Folha e da população brasileira, que votou nele. Também por ser um formulador de talento. Antes dele, outros políticos ocuparam a mesma coluna, como os ex-presidentes Lula e FHC. O espaço não garante, no entanto, isenção a críticas feitas

Lula, que você menciona, disse certa vez: "Não me peçam para fazer [ler jornal], porque senão a azia explode". A diferença é que o atual presidente faz críticas com mais frequência e intensidade e ele e seu entorno estimulam ataques pessoais ou virtuais. A Folha existe há 32 presidentes, alguns mais, outros menos virulentos. Seguiremos fazendo o que sabemos: cobertura equilibrada, com jornalismo crítico.

J&Cia – Desde a redemocratização, o Brasil nunca teve uma hegemonia tão explícita e acentuada da direita como acontece agora no governo Bolsonaro. Que começou extremista, em coerência com o discurso de campanha, mas aos poucos vai se ajustando a um novo modus operandi, inclusive sob as bênçãos do Centrão, que tanto atacou e refugou. Como avalia até aqui essa experiência, que muitos consideram um teste de fogo para a democracia, e como o jornal posiciona-se editorial-

pelo jornal, como foi o caso de editorial que instava o PT a deixar o sectarismo na eleição para a Presidência da Câmara e que motivou sua saída. A direção do jornal tentou demovê-lo da decisão, sem sucesso.

J&Cia – Quantos jornalistas trabalham hoje na Folha e quantos têm formação específica em jornalismo?

Sérgio – A Folha conta hoje com cerca de 300 jornalistas em sua Redação. Pouco mais da metade tem formação no jornalismo; os outros vêm das formações as mais diversas. Essa diversidade é fruto de bandeira antiga e cara ao jornal, contra a exigência do diploma de jornalismo para exercício da função, entendimento depois confirmado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 2009.

J&Cia – E quantos colunistas o jornal tem atualmente?

Sérgio – Entre colunistas e blogueiros, são perto de 160, um quadro bastante amplo



A PALAVRA DE QUEM ESTÁ POR DENTRO



politicamente e em outros aspectos também. Junto da Redação, são um dos maiores ativos do jornal.

J&Cia – Esses números têm se mantido nos últimos anos ou houve redução na força de trabalho na redação?

Sérgio – Como todas as Redações no Brasil e no mundo, também a da Folha sofreu redução nos últimos anos.

J&Cia – No auge da edição impressa, nos anos 1980 e 1990, quantos profissionais o jornal chegou a ter?

Sérgio – Não tenho esse dado. Mas são realidades muito diferentes. As Redações dos anos 1980, por exemplo, contavam com times de revisores, preparadores de texto, redatores, digitadores, profissionais de pestape. Nenhuma destas funções existe na Redação de hoje.

J&Cia – Qual é hoje a idade média da equipe?

Sérgio – Perto de 35 anos. É uma equipe jovem, aguerrida,

atividade foi criada em 2019 e no ano passado adquiriu um ritmo importante na mudança de cultura da Redação. Ainda estamos aquém do desejado, mas a questão estrutural começa a ser atacada. A função da editoria é atuar tanto na contratação de repórteres e colonistas. A atribuição é pensar principalmente em diversidade racial, mas não só: também política, religiosa e demográfica.

J&Cia – Outra inovação da Folha – esta, claro, muito mais antiga – é a de ombudsman, que tem resistido ao tempo e proporcionado um exercício relevante de crítica democrática do jornal. Mas, em geral, eles(as) têm deixado a empresa ao final do mandato e do período de estabilidade. É uma escolha difícil?

Sérgio – A função completou recentemente 30 anos, e chama a atenção como a Folha segue sendo o único dos grandes veículos brasileiros a manter em seus quadros um profissional pago para

altiva. Têm sido posta à prova em tempos de pandemia e de extrema polarização política. Sofrido ataques, mas sem ceder a provocações. Alguns foram contaminados pela Covid19 – eu inclusive –, mas não desanimaram. É uma honra estar à frente desse grupo de colegas, com quem aprendo muito.

J&Cia – Pode nos dizer o turnover anual da Redação?

Sérgio – Não deve ser muito diferente do praticado pela indústria.

J&Cia – Qual a atual estrutura básica da Redação e como ela opera e relação às edições impressas e digitais?

Sérgio – A Redação funciona como um centro produtor de conteúdo 24 horas por dia, sete dias por semana. Do ponto de vista do jornalista, não há diferença em relação à plataforma em que seu conteúdo será publicado, seja o produto impresso, o site, uma newsletter, um alerta no celular, um podcast, um vídeo. Desde

criticar o veículo publicamente e com total independência. Das 13 pessoas que ocuparam o cargo, três seguem no jornal, incluída Flávia Lima, a titular atual. Boa parte deixou a Folha anos depois de ocupar a função, e por vontade própria.

J&Cia – Como o jornal administra a carreira de seus jornalistas em termos salariais, de oportunidades de ascensão na empresa, cursos e treinamentos para aperfeiçoamento profissional?

Sérgio – O comando do jornal realiza reuniões periódicas de avaliação de performance – a partir de autoavaliação feita pelos jornalistas – e de readequação salarial. Há uma editoria, de Treinamento e Qualidade, cuja função é oferecer cursos e treinamentos para a equipe. Há prêmios remunerados. Dito isso, há o que melhorar também aqui.

J&Cia – Como anda hoje a relação da Folha e do Grupo com as big techs, em especial Google e Facebook? Tem sido possível

2019, contamos com uma editoria do impresso, um grupo de profissionais responsável por editar o produto que irá ao ar perto das 23h na edição digital em PDF e será impresso na madrugada seguinte.

J&Cia – Como está hoje a curva de assinantes, considerando as duas plataformas?

Sérgio – A Folha encerrou 2020 e a década como o jornal com mais assinantes do País, segundo o IVC. Com exceção de meses pontuais, é esta a posição desde 1986. São 337.854 exemplares diários pagos por mês, crescimento de 3% ante a média de 2019, sendo 266.669 digitais e 71.185 impressos.

J&Cia – Uma das inovações anunciadas pelo jornal tempos atrás foi a criação de uma editoria de Diversidade. Como tem sido essa experiência do ponto de vista editorial e como ela atinge o próprio jornal na composição de seus times?

Sérgio – A editoria de Diversi-

avançar na direção de acordos que compensem o jornal pelo uso de seus conteúdos nessas plataformas?

Sérgio – Diria que é uma relação de "frenemies", termo feliz cunhado pela mídia americana, de amigos/inimigos. Por força de lei ou de ameaça de regulação, as big techs começam a perceber o valor do conteúdo produzido pelas empresas de jornalismo profissional e a necessidade de remunerá-lo – há decisões nesse sentido na Europa e na Austrália, entre outros. Há também parcerias bastante produtivas sendo feitas entre os dois setores. Falta uma regulação adequada e uma cobrança maior por responsabilidade.

J&Cia – Nessa luta, os grandes jornais do País estão unidos? Há avanços visíveis nesse campo?

Sérgio – A luta se dá no âmbito da ANJ, então nesse sentido os grandes jornais do País estão unidos. Os avanços ainda são maiores no exterior do que aqui.

Ler notícias pode fazer ou destruir um dia

Por Estela May, quadrinhista da Folha

Lembro de quando comecei a ler jornal. Um começo tardio, na época da escola. Somos uma família de leitores, embora minha mãe lesse exclusivamente livros e meu pai leia tudo no computador. Fui eu que pedi pra gente assinar a Folha, em papel, em casa. Devia ter uns 14 ou 15 anos (aquela idade em que você fica ligeiramente consciente do mundo e das pessoas, e de todos os problemas do mundo e das pessoas) e confesso que me fez sentir como a pré-adolescente mais sábia do mundo. Foi como se de repente todos os obstáculos pudessem ser vencidos pela informação e todas as incertezas tivessem sumido da minha mente, porque eu podia "saber das coisas".

Eu lia o jornal tomando café da manhã (leite com Nescau e

pão com manteiga), como um pai americano dos anos 1950. E guardava as informações adquiridas para impressionar minhas amigas na hora do pátio. Achava que comigo vinha a mais importante mensagem do mundo.

Foi bem na época em que comecei a desenhar. Primeiro desenhando olhos – e achei supersignificativo e poético. Eram apenas olhos. Então veio o resto do rosto. Ter boca implicava algum tipo de fala, então lia livros e colecionava frases que achava interessantes. Eu combinaria palavras interessantes e criaria novas frases. Criaria cenários e os adicionaria às frases. Invencionices que mal faziam sentido. Minha cabeça de pré-adolescente ia a 1000 mph com esse tipo de combinação de coisa esquisita, fase especialmente doida, por-

que é quando você começa a perceber o outro. Eu nunca pensava em garotos, garotos nunca pensavam em mim, todo mundo fica irritadiço e odiável, mas eu tinha um novo poder. O poder de uma nova era. Onde eu poderia saber sobre as coisas e me expressar de uma nova e interessante maneira.

Nem tudo seria um mar de rosas, no entanto. Não vamos esquecer que criar uma consciência e se expressar é um peso enorme para qualquer ser humano. Quando você começa a querer saber, e saber mais, todos os problemas do mundo se erguem e apontam o dedo na sua cara. Ler as notícias pode fazer ou destruir um dia, dependendo da sua sensibilidade. Eu diria que eu



era uma criança sensível. Então lia, entendendo apenas a metade, e iniciava conversas rasas com minhas amiguinhas, que na maioria das vezes não queriam nem ouvir. Bons tempos.

Tenho 20, agora, mais crescida, mais informada, mais melancólica. Mas trago comigo a lembrança daqueles estágios iniciais, de perceber que as coisas aconteciam o tempo todo, independentemente de mim, coisas que importavam, que afetavam a vida de todos, todos os dias. Me recordo que tudo ficou tão grande e real, subitamente. Você sabe das coisas, então pode pensar e



julgar os porquês e os portantos. Aquela primeira rajada de realidade, que faz sentir que podemos conhecer as manhas das riquezas infinitas da vida. Como é? Eu penso, portanto, sou? Aristóteles? É como se o mundo se abrisse, e me abrisse, adiante.

Ouçõ a sirene da redação da Folha, todo dia, pontualmente às 18h, desde que me conheço por gente. E nunca soube que a sirene vinha de lá até começar a trabalhar no jornal. É que eu moro bem perto do "edifício

sede" – o belo prédio antigo, com os elevadores que demoram 100 anos pra chegar.

Já faz pouco mais de um ano que colaboro com a Folha e me sinto muito orgulhosa e sortuda de poder fazer parte dessa história de tanta coragem, inteligência e beleza. Sou grata ao jornal e aos seus profissionais de imprensa, por nos fazerem pensar e saber e dizer o que achamos. Todos firmes, ainda mais porque nada indica que os próximos 100 anos serão mais fáceis que os últimos.

Relações sólidas, resultados concretos.
fsbcomunicação fsb.com.br



O jornal não tem medo de apostar e arriscar

 Por **Fábio Takahashi**,
 editor do FolhaDados

Estava eu enlatado num avião, em solo, esperando havia mais de uma hora para decolar. Meus dois filhos pequenos já ameaçavam arrancar as poltronas da aeronave. Chega no meu celular uma mensagem do Roberto Dias, secretário de Redação da Folha.

Havia quase um ano eu estava longe do jornal. Era a minha reta final de uma *fellowship* sobre jornalismo de educação na Universidade Columbia, em Nova York (no avião tentávamos fugir do frio por alguns dias, numa pequena folga no programa).

O diálogo foi algo assim: "Vamos criar um núcleo de dados. Quer ser o coordenador?" A pronta resposta, antes de entrar no modo avião: "Muito legal, quero sim." "Ótimo, falamos mais na sua volta."

Aquelas mensagens telegráfi-

cas indicavam o que passaria a ser o meu ofício, a partir de meados de 2017.

Abri este texto com essa passagem porque ela mostra muito do que é estar na Folha. Primeiro, eu estava passando quase um ano fora, em que metade do período recebi salário mesmo sem trabalhar, usufruindo programa de sabático para formação (ainda que o orçamento para benefícios assim venha diminuindo, o incentivo à formação é bem maior do que em outras Redações com que tenho contato).

A passagem também mostra como o jornal não tem medo de apostar e arriscar. Até ali, minha experiência não tinha tanta ligação com dados.

Na Columbia eu assisti a aulas sobre análise de dados, mas esse não era meu foco. Estava muito

mais ligado à educação, área em que comecei em 2003, na própria Folha. Meio no atropelo também.

Formado em Jornalismo na Metodista, iniciei minha carreira em 1999, como redator de esportes em alguns portais, alguns que nem existem mais e no Terra.

Uma das grandes missões era fazer o lance a lance, ou seja, escrever os lances das partidas, em tempo real. Época dura. Chegava a narrar três jogos ao mesmo tempo, usando duas televisões no mudo e um rádio. Às vezes, o gol do Corinthians era anotado incorretamente no ao vivo, digamos, de Ponte Preta x Santo André.

Então, apareceu a porta de entrada para a Folha. Um amigo estava deixando o posto de reda-

tor na então Folha Online e me indicou. Fui aceito.

Minha principal função era publicar no online listas de aprovados nos vestibulares. Mas dava também para escrever algumas reportagens, e algumas alcançavam a honra da publicação no impresso.

A minha primeira matéria que chegou à capa do jornal mostrava que estudantes que se formavam no ensino médio público tinham, durante a graduação na Unicamp, notas melhores do que os de colégios privados. Era o início da discussão das ações afirmativas no ensino superior, tema a que segui me dedicando.

Em 2005, fui aceito para uma vaga, temporária, no Fovest, caderno de vestibulares do jornal. E fui ficando.

Já como repórter de Cotidiano, dediquei-me muito à cobertura de políticas públicas em educação, como ampliação do ensino infantil e melhoria na qualidade do ensino. Quando prestei

a bolsa na Columbia, em 2016, fiz um levantamento e encontrei 200 matérias minhas na área.

Nesse caminho, estive no grupo que criou o RUF (Ranking Universitário da Folha) – um pirralho no meio do pessoal como Helio Schwartzman e Marcelo Leite, moldando a ideia da Sabine Righetti.

Pensando em nossas próprias trajetórias, em que o conhecimento de educação foi obtido na raça, eu e alguns colegas criamos a Jeduca (Associação de Jornalistas de Educação), em 2016, para ajudar os novatos na área.

Naquele mesmo ano, tive uma breve e feliz passagem como editor do programa de trainees, formando duas turmas, função que foi interrompida para o sabático.

Indiretamente, a cobertura de educação também me levou ao posto em que estou agora, de editor do DeltaFolha, grupo de jornalismo de dados do jornal.

As inúmeras divulgações de avaliações educacionais, mais

um grande número de pesquisas na área, forçaram-me a entender razoavelmente de análise e manuseio de dados.

Mas esse histórico ajudou só um pouco. Como sempre, o aprendizado veio mesmo (e ainda vem) encarando as pautas, primeiro num nanonúcleo, de duas pessoas (eu e o cientista de dados Daniel Mariani).

Em pouco tempo estávamos publicando materiais de impacto, como a análise dos sucessos musicais no País, a partir da sistematização de um bilhão de plays no YouTube.

Crescemos, hoje somos seis pessoas fixas na editoria de dados, provavelmente a maior das Redações no jornalismo brasileiro (no grupo temos jornalistas, biólogos, cientista social e designer).

E vamos seguindo a fórmula na Barão de Limeira: aposta em talentos, seja qual for o perfil, e obsessão por inovação, mesmo que às vezes as coisas aconteçam aos solavancos.



A PALAVRA DE QUEM ESTÁ POR DENTRO



A Folha estava lá

Por **Matheus Moreira**, repórter da home



No dia 18 de junho de 2019, por volta das 10h30, entrei em um ônibus em Pinheiros, um Parque Edu Chaves, aquele azul. Paguei a passagem com muitas moedas, todas as que pude juntar em casa, porque eu não tinha di-

É impossível falar sobre a importância da Folha de S. Paulo para o País sem falar da sua importância para as pessoas. Não é exagero imaginar quantas pessoas têm memórias ligadas ao jornal.

Naquele dia voltei para casa de carona no ônibus porque eu só tinha o dinheiro da passagem de ida. Hoje, um ano e meio depois, faço parte da celebração dos 100 anos do maior jornal em circulação do Brasil. Não estou mais endividado graças ao meu trabalho ter sido reconhecido pela Folha. Meu nome está limpo. A Folha de S. Paulo mudou a minha vida para melhor.

A primeira vez que publiquei um texto, tremi. Eu sabia que muitas pessoas poderiam ler, encontrar erros, inconsistências, meu Deus!, ser um jovem repórter e ainda mais um jovem repórter negro é duvidar de si

constantemente. Não há muitas segundas chances para negros por aí, mas houve na Folha. Quando tentei ajudar, cometi uma gafe terrível no texto de um colunista e fui perdoado, repreendido, mas perdoado. Inclusive, segundo soube, esse erro curioso está entre as pérolas do jornal neste centenário.

Aliás, a Folha de S. Paulo foi o primeiro jornal do País a destacar os seus próprios erros. A seção "Erramos" é pouco mais velha do que eu, completa 30 anos em 2021, eu tenho 25.

A firma, como a chamo às vezes, é feita por seres humanos como eu. Pessoas que erram, que têm família, amigos, que têm medos, hobbies, sonhos e traumas. Pessoas que têm contas para pagar e que as pagam como podem. Pessoas absolutamente normais que se dedicam à sua profissão assim

neiro, estava desempregado, endividado com a faculdade em que me formei, havia passado por momentos muito difíceis. Às 11h03 mandei o último e-mail como desempregado, o próximo já seria da minha mesa na Folha de S. Paulo, ao lado da mesa de Cláudia Collucci, uma das maiores repórteres de saúde do País e que eu conheceria dali a alguns dias.

como o faz qualquer outro cidadão brasileiro.

Apesar de ser praticamente uma entidade, a Folha, com letra maiúscula, às vezes elogiada, às vezes criticada, o jornal sempre confiou nas minhas pautas, nos meus textos opinativos sobre racismo e sobre ser um jovem negro em um país estruturalmente racista, confiou em mim e na minha vontade de aprender. E tenho certeza de que isso não foi privilégio meu. Não é à toa que trabalho com tantos repórteres excelentes. Nós todos vivemos o dia a dia de uma das melhores escolas de jornalismo do País.

Eu me lembro como se fosse ontem da primeira entrevista que fiz e de como ela me preparou para ser repórter da Folha. Em meados de maio de 2014, entrevistei crianças vítimas de violência e de abusos em uma

associação que as acolhe e protege.

Chorei após o expediente, a caminho da faculdade. Não conseguia acreditar que alguém poderia fazer as monstruosidades que ouvi sobre algumas daquelas crianças doces e carinhosas. Chorei porque nada que eu escrevesse mudaria a vida delas. Foi minha primeira lição de jornalismo: ser repórter não é ser super-herói. O jornalismo não muda o mundo, ele muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo.

Na Folha, as lições continuaram, todos os dias pude aprender com repórteres incríveis, com editoras e editores excelentes. As pessoas que fazem o jornal e que, como eu, fazem parte dos 100 anos da Folha.

O contrário também é verdadeiro, o jornal faz parte de gerações de brasileiros. Quando

o meu avô deixou Pernambuco na caçamba de um caminhão rumo a São Paulo, aos 14 de idade, a Folha estava lá, nas bancas. Quando ele deixou o Exército pouco antes do golpe de 1964, a Folha estava lá. Quando ele conheceu Doralice, minha finada avó, a Folha estava lá. Também estava lá quando minha mãe sequer imaginava que seu filho assinaria textos naquele jornal. Foi graças ao jornal que pude realizar um dos sonhos de infância da minha mãe, esquecido na correria da vida de uma mãe solo.

Quer sejamos capazes de lembrar ou não, a Folha de S. Paulo esteve presente em muitos momentos das nossas vidas nos últimos 100 anos. E enquanto houver necessidade de jornalismo, ousar dizer, haverá Folha de S. Paulo.



Descobri que não tenho currículo

Por Mauro Zafalon, colunista de Mercado

A primeira vez que entrei na agora centenária Folha foi em 1968. O jornal promovia uma série de debates sobre a situação do País com alguns bispos da ala mais progressista da Igreja Católica, entre os quais dom Cândido Padin e dom Hélder Câmara.

O evento ocorreu em setembro, três meses antes do AI-5, em um anfiteatro que ficava na entrada do jornal. A efervescência política do momento deixou o auditório lotado, principalmente por estudantes. Eu, à época cursando Ciências Sociais, tive direito a foto na primeira página do jornal.

Alguns anos depois, em 24 de fevereiro de 1972, um dia muito confuso para São Paulo, fiz teste para uma vaga no jornal. Enquanto estava na Redação, o edifício Andraus, a poucos quarteirões

da Folha, pegou fogo. Foi difícil a volta para casa.

Uma semana depois, iniciei na Folha, que então completava 51 anos. O trabalho era um misto de revisão com uma função chamada "olheiro".

Era feita uma avaliação dos erros mais graves logo na saída dos primeiros exemplares da rotativa. Em uma das vezes em que a máquina foi desligada para correção, havia uma foto de ponta-cabeça.

A estrutura para se fazer o jornal naquela década não tem nada a ver com a de hoje. Um calor senegalês, que nos obrigava a trabalhar com a camisa aberta no verão, e um cenário multicolorido, dado pelas pastilhas da parede, do teto e do piso da Redação.

A interação entre os jornalistas era muito forte. Sem internet e sem um banco de dados online, as dúvidas eram resolvidas com as "memórias aguçadas" de alguns jornalistas. Com isso, o som de centenas de máquinas de escrever misturava-se a um contínuo papo entre as pessoas.

A movimentação era grande. Os dois prédios do grupo chegaram a abrigar oito Redações: Folha de S.Paulo; Folha da Tarde (hoje Agora), Última Hora, Notícias Populares, Cidade de Santos, A Gazeta, A Gazeta Esportiva e Gazeta Mercantil. Os bares no entorno eram agitados, tanto nas conversas como no conteúdo delas.

A apuração das matérias era bem mais lenta e dificultada do que hoje. Ou se usavam os pesados telefones pretos, ou os fuscas amarelinhos da empresa. A chegada do fax apressou um pouco as coisas.

No fim dos anos 1970, passei para a Redação de A Gazeta. Na greve de 1979, aprendemos que

era possível fazer jornal, embora de péssima qualidade, sem jornalistas. Os jornais não deixaram de circular.

Demitido na greve, fiquei longe da Barão de Limeira, sede da Folha, por três anos. Em 1984, já de volta, as discussões sobre os rumos que o jornal deveria tomar se acentuaram, com as novas orientações do projeto editorial e do *Manual da Redação*.

As propostas do jornal de ser crítico, pluralista, apartidário foram importantes. O engessamento de regras, avaliações profissionais e um assíduo controle de erros levou parte da Redação a se opor às novas regras. O resultado foi um abaixo-assinado encaminhado à direção do jornal, do qual participei.

O engajamento nas *Diretas-Já* trouxe para dentro do jornal um ânimo novo relacionado à política. Na década de 1980, porém, o jornal evoluiu muito também na área de serviços.

Com uma inflação galopante, os consumidores acordavam



Zafalon no rio Araguaia, em uma reportagem sobre soja

com um potencial de renda e iam dormir com outro bem menor. A Folha avançou muito na cobertura dos indicadores essenciais de orientação para o leitor.

O jornal criou quatro páginas completas de cotações, as mais variadas: agrícolas, financeiras e de acompanhamento inflacionário e industrial. Eu terminava o dia e começava a noite apenas com números na cabeça.

No setor agrícola, a defasagem das informações era muito grande. A Folha passou a coletar diariamente preços de 16 produtos agropecuários em 50 locais do País. As informações passaram a ser parâmetro para vários tipos de contrato nos setores privado e de governo.

As informações do jornal passaram a ganhar tanta importância no mercado que eram frequentes as tentativas de suborno, tanto de empresas como de pessoas físicas, pedindo a subida ou a redução dos preços no final de mês.

Apenas um caso. Em um



ESPECIAL 100 ANOS FOLHA DE S. PAULO

determinado período, os preços do suíno estavam bastante reduzidos. Todo final de mês, uma senhora ligava, pedindo insistentemente que elevássemos os preços no jornal e oferecendo uma compensação. Depois de tantas ligações, perguntei qual era o motivo. Disse que recebia a pensão do ex-marido em arrobas de suínos e que os preços atuais estavam afetando a sua renda.

Um dos períodos de maior tensão para mim foi em 1989. Estava de férias fora do País e fui chamado para voltar porque devia tocar um projeto especial de apuração de eleições. Os resultados, à época, saíam muito lentamente.

apenas me comunicava o acerto das contas e que o jornal pedia uma página sobre o assunto. Após uma conversa não muito amigável, convenci-o de que nada mais tinha a escrever e acrescentei que o jornal deveria ter aproveitado a matéria do dia anterior.

A jornada mais longa de trabalho foi regada a pizza e café. Em 1986, começamos a elaborar o caderno com preços tabelados pelo Plano Cruzado no período da manhã e só terminamos na tarde do dia seguinte, sem descanso.

As conversas com o Sr. Frias (Octavio Frias de Oliveira) sempre eram motivo de preocupação. Conhecedor profundo do setor agropecuário, minha área, não dava margem a deslizes, prin-

Graças a uma coleta feita diretamente nos tribunais eleitorais de cada estado, a Folha antecipava o resultado.

Acontece que o jornal, com base em pesquisa de boca-de-urna do Datafolha, havia cravado, em manchete, a disputa no segundo turno entre Lula e Collor, mas, à medida que as informações da Bahia chegavam, Brizola se aproximava.

Todos os dias eu apresentava esses dados a Otavio Frias, e ele perguntava: "Estamos indo bem? A previsão vai se confirmar?" Não eram respostas fáceis.

A maior frustração no jornal foi quando descobri que a Secretaria de Planejamento tinha

principalmente no que se referia à avicultura.

São tantos anos na Folha que às vezes me pergunto o que muitos já perguntaram: por que tanto tempo?

Não sei. Talvez pela liberdade e pelas propostas de trabalho aceitas pela direção e pelos editores. Estes não foram poucos. Somam 23 nessa segunda fase no jornal. A minha coluna, *Vai-*

errado o percentual do reajuste salarial semestral de todos os trabalhadores do País, em 1985.

Apontei o erro para o editor e fiz uma reportagem com os dados corretos. A Folha deu a matéria que veio de Brasília, com as informações erradas e, no rodapé, colocou apenas: "Mas, segundo cálculos da Folha, o percentual deveria ser 86,02%".

Alto e bom som, o secretário de Redação gritou: "Zafalon, se você colocou erro no meu jornal, eu corto seu saco e te demito".

Após uma noite mal dormida, ao entrar na Redação no dia seguinte, ouço o editor gritar meu nome. Ferrou, pensei. Mas ele

vém das Commodities, já tem 32 anos.

As propostas de emprego foram muitas, vindas de todos os grandes jornais, inclusive de televisão, mas fui ficando.

Recentemente me pediram um currículo para a participação em um seminário. Descobri que não tenho um. Seria algo como: Folha 1972 e Folha 2021.

2ª Edição Programa Avançado em Diversidade nas Organizações 8 de março até 28 de junho de 2021 ABERJE DIGITAL

FOLHA DE S. PAULO COLLOR É VIRTUAL ELEITO Boca-de-urna dá 51,5% contra 48,5%; Lula diz estar preparado para derrota



Os caminhos do jornalismo sob a ótica global MediaTalks By J&Cia Apoio: ANER ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS ABRJI Observatório da Imprensa Projor



Podcast engaja e conquista

Entre na Folha no final de 2012, vinda da reportagem da CBN. Na época, pareceu uma mudança e tanto na carreira porque eu vinha do hard news e estava entrando para cobrir gastronomia no caderno Comida. Mas diria que, mesmo no soft news, a experiência de ser repórter da Folha foi um complemento na minha formação. A temperatura do noticiário, a relação com as fontes, a importância do furo: tudo isso é pungente na Redação do jornal.

Quando o Comida deixou de ser um caderno semanal, migrei para a revista são paulo, onde toquei uma seção fixa, além de reportagens. Depois de cinco anos na cobertura de gastronomia, deixei o soft news e me tornei redatora da Primeira Página. Vi, em 2018, a elaboração do podcast Presidente da Semana, feito pelos colegas Rodrigo Vizeu e Victor Parolin. O sucesso do programa abriu os olhos da Redação (e de parte do mercado) para a possi-

Por Magê Flores, âncora do podcast Café da Manhã

bilidade do uso do formato no jornalismo.

Eu estava rascunhando um projeto semanal de podcast para tocar em paralelo ao trabalho na Primeira quando Vizeu me falou da ideia de um programa diário. Quando o tal programa estava começando a ser elaborado, o Spotify surgiu com uma proposta de parceria. E isso acelerou as coisas. Vizeu e eu deixamos nossas editorias de origem para tocar esse projeto em dezembro de 2018. O Café

da Manhã, podcast diário de notícias da Folha em parceria com o Spotify, estreou em primeiro de janeiro de 2019 e é um dos mais ouvidos da plataforma. Hoje a Folha tem uma editoria de Podcasts para coordenar produtos em áudio. Estão no ar seis programas – 14 foram lançados pela editoria para falar, por exemplo, de pandemia, cultura, maternidade, esporte, política e direitos humanos.

O podcast é um formato recuperado nos últimos anos, já

que não é exatamente novo, e que se mostra muito adequado aos tempos que vivemos – a audiência mostra isso. Com tanta correria, torna-se muito conveniente baixar um programa pra ouvir quando e no ritmo que quiser. Assim, atividades mais mecânicas, como lavar a louça, fazer exercício e se locomover até o trabalho passam a ser também momentos para se informar, aprender ou se divertir. O jornalismo tem feito bom uso disso. E acaba engajando

seu público e até conquistando novos consumidores de notícias – não é incomum receber de ouvintes do Café mensagens contando que entraram em contato com o jornalismo da Folha pelo podcast. Considerando que dificilmente nosso ritmo de vida vai ser desacelerado e que o áudio deve ganhar cada vez mais importância como interface (vide o avanço das assistentes de voz e dos smart speakers), eu apostaria que o podcast veio pra ficar.



Marcelo Caraviva



PRESS ROOM

NEGÓCIOS PARA AGÊNCIAS

VISIBILIDADE PARA CLIENTES

Hospedagem
+ Design gráfico
+ Suporte

Elabore press rooms e poste diretamente da plataforma l'Max.

COMMUNICATE MORE

Orçamentos:
11-3090-6119

Duas ou três coisas que lembro dos tempos de Folha

Por Assis Ângelo, colunista de J8Cia

Depois de ganhar a taça de campeão da Libertadores da América/2020, o técnico português Abel Ferreira, do Palmeiras, disse que nem ele nem seus jogadores eram heróis; heróis são os médicos e os enfermeiros que lutam contra a pandemia da Covid-19.

Essa não é a primeira pandemia que o Brasil e o mundo enfrentam.

Em 1918, milhares de brasileiros morreram vítimas da gripe espanhola. Como Olavo Bilac.

Naquele tempo, éramos um país quase que totalmente rural.

Vivia-se a "Belle Époque", que findaria com a Semana de Arte de 1922.

Em 1921, centenas de jornais e revistas circulavam por aí. A maior parte deles no Rio de Janeiro, berço de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto.

A população do Rio, à época,

passava de 1 milhão de habitantes.

Ainda não havia O Globo, que só seria fundado em 1925. Quatro anos antes, era fundado o jornal Folha da Noite, em São Paulo.

A população da capital paulista girava em torno de 580 mil habitantes.

Esse jornal foi à praça no dia 19 de fevereiro de 1921, com apenas oito páginas.

Em 1924, entre 3 e 30 de dezembro, questões políticas impediram a circulação do jornal. Para substituí-lo, os mesmos criadores da FN, Olival Costa e Pedro Cunha, lançaram a Folha da Tarde.

O presidente da época era Arthur Bernardes, um mineiro de poucas palavras e mãos de ferro.

Em 1925, chegava às bancas o jornal Folha da Manhã.

A Folha da Noite, a Folha da Tarde e a Folha da Manhã eram

jornais direcionados a públicos diferentes e opiniões passariam a ter somente em 1930, quando as oficinas da Folha da Noite e da Folha da Manhã foram empasteladas por agentes do Governo Vargas.

É uma história longa.

Em 1960, os três títulos se fundiram, surgindo o jornal Folha de S. Paulo, para concorrer diretamente com O Estado de S. Paulo.

A Folha, como outros jornais brasileiros, apoiou o golpe que tirou do poder o presidente João Goulart.

Em 1986, tornou-se o jornal de maior tiragem do País.

À essa altura, o Grupo Folha tinha já sob seu guarda-chuva vários títulos. Incluindo, de novo, a Folha da Tarde e o Notícias Populares.

Comecei a trabalhar nesse grupo em 1977, um ano depois de

trocar a minha terra, João Pessoa, por São Paulo.

Era muito bom o nosso time, formado por **Hely Vannini, Fernando Barros, Marco Zanfra, Jorge Zappia, José Luís Lima, Roberto Moschela, Manoel Dornelles, Celso Sávio, Hipólito Oshiro, Valmir Salaro, Luciano Martins, Thaís Costa**, além dos fotógrafos **Manoel Izidoro, Jair Malavazi, Luís Carlos Murauskas, Dirceu Lene, Gil Passarelli, Matuiti Mayezo, Angelo Pirozelli e Valdemar Cordeiro**, "irmão de criação" de **Audálio Dantas**, como bem lembra o amigo **Jorge Araújo**.

Cordeiro era o chefe dos fotógrafos.

Vannini cuidava da editoria de Polícia.

Só cobras.

Lembro também de **Ricardo Kotscho, Nelson Merlin, Oswaldo Mendes, Tarso de Castro, Miguel Raide, Cláudio Abramo, Tavares de Miranda, Moacir Amâncio, Dirceu Soares, Paulo Nogueira, Fortuna, Angeli, Glaucio, Laerte, Fausto, Petchó, Luís Gê, Jota (Jotinha),**

Paulo Francis, Emir Nogueira, Dora Kramer e Lu Fernandes, que viraria presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

E o Boris?

Boris Casoy foi editor-chefe da Folha por um determinado tempo. Chato, grosso e arrogante, uma vez encontrou-se comigo no *Roda Viva*, programa da TV Cultura, e sarcástico perguntou: "O que é que você está fazendo aqui?". Estirei-lhe a língua ou disse-lhe um palavrão, sei lá...

Daquele tempo eram também **Luís Carlos Rocha Pinto, Trovão, Tupamaro, Adilson Laranjeira...**

Nos quase sete anos que lá permaneci, publiquei centenas e centenas de reportagens.

Na Folha, ou Folhão como chamávamos, publiquei matérias ruidosas, como a que me levou a ser processado pelo governo paulista.

Fui processado, mas absolvido pela Justiça.

A matéria tratava de um duplo linchamento praticado contra operários do município de Ribeirão

Pires, cujas famílias eram violentadas por marginais sem que o Estado nada fizesse em sua defesa.

Ganhou repercussão internacional e o fim da Lei de Imprensa – ou Segurança Nacional, não lembro bem.

Entrevistei muita gente boa e marginais famosos, como Hiroito, Fininho, Ze Guarda, João Acácio (o *Bandido da Luz Vermelha*) e figurões como o delegado Fleury, de triste memória.

Fui várias vezes à Casa de Detenção e ao Carandiru, para mostrar a vida em prisão. Feminina inclusive.

Cobri rebeliões na Febes e em presídios da Capital e do interior.

Uma vez Quinzinho, famoso personagem da chamada *Boca do Lixo* paulistana, disse-me numa entrevista: "Heróis são as pessoas que vivem de salário mínimo".



Assis Ângelo



FOLHA DE S. PAULO



Algumas matérias de Assis para as Folhas



Quinzinho morreu atropelado, na avenida São João.

O velho Frias, dono do Grupo Folha, foi não foi mandava me chamar pra registrar a visita de nomes importantes das artes e literatura, a quem oferecia almoços e jantares regados a bons vinhos e outras bebidas. Isso ocorria no restaurante que havia na cobertura da sede do jornal, na Barão de Limeira, 425.

Lembro que uma das vezes fui chamado para registrar a presença do escritor Antonio Callado. Uma grande figura.

Frias chamou-me também algumas vezes para acompanhá-lo com empresários à rodoviária que ganhou de presente do Maluf, na primeira vez em que foi prefeito da cidade. Meu papel era escrever a respeito.

Numa terça ou quarta-feira qualquer do ano de 1978 fui ao apartamento de Geraldo Vandré para entrevistá-lo. O fotógrafo **Gilberto Nascimento** fez o que tinha que fazer. No sábado seguinte, voltei à casa do Vandré e ele me disse: "Ângelo, acho melhor você não publicar a nossa entrevista". Olhei pra ele e ri e, para sua surpresa, dei-lhe um exemplar do Folhetim

que já estava chegando às bancas com uma foto dele na capa.

O Folhetim era um suplemento dominical da Folha, de muito sucesso.

Essa entrevista levou à liberação de *Pra* não dizer que não falei de flores, que estava proibida pelo governo desde 1968.

Também recorro a vez em que **Samuel Wainer**, criador do jornal Última Hora, pediu-me para que fizesse uma entrevista com o cantor e compositor Renato Teixeira, que começava a fazer grande sucesso com *Romaria*, na voz de Elis Regina. Anos depois Renato me disse que Samuel era um parente distante dele.

Matérias que por uma razão qualquer não eram publicadas no Folhã, eu publicava em outros jornais. No Pasquim, por exemplo.

Eravam tempos duros aqueles, em que andávamos ainda meio assustados, pois a ditadura militar ainda não acabara. Mas havia tempo para relaxamento.

Quatro meses e quatro dias depois do lançamento do jornal Folha da Noite, um ataque do coração matou João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Esse João, criador da



No bar, sempre uma extensão da redação. Impossibilitado pela cegueira de identificar os retratados, Assis só lembra de Lu Fernandes estar na foto (abaixo dele, ao centro)

reportagem no formato como tal conhecemos, entrou para a história da imprensa como **João do Rio**.

Hoje a Folha, o Estadão, e o Globo são os principais jornais do País.

Em fins dos anos de 1970, pedi ao poeta cearense Patativa do Assaré que escrevesse qualquer coisa poética sobre a Folha. E ele:

*A Folha de S.Paulo é rica
 Tem ela um grande mister
 Mas a mesma não publica
 Tudo o que a gente quer*



Minha história com a Folha de S.Paulo

Era uma tarde qualquer, provavelmente de outubro ou novembro de 1995. Jornalistas&Cia havia nascido havia poucas semanas, então com o nome de FaxMOAGEM, que fazia referência à coluna que eu próprio assinava desde março de 1991 no jornal Unidade, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, que ganhara o sugestivo nome de *Moagem*. O idealizador da coluna e do nome foi **José Hamilton Ribeiro** e coube a mim executar a missão.

Toca o telefone e do lado de lá a pessoa diz que gostaria de falar com o responsável por

aquele informativo transmitido às madrugadas das quartas-feiras por fax. Apresentei-me e disse que era eu o responsável. A mulher então se apresentou: era a secretária do diretor de Redação da Folha de S.Paulo.

Fiquei entre passado e apreensivo, porque eu e o Fax tínhamos origem no Sindicato dos Jornalistas, entidade que vivia às turras com a Folha de S.Paulo, tendo, por parte desta, quase nenhum respeito e consideração. A direção do jornal não aceitava receber os dirigentes sindicais em suas instalações, desesti-

Por **Eduardo Ribeiro**,
 diretor de J&Cia

mulava explicitamente qualquer aproximação de seus jornalistas com a entidade, não respeitava a determinação da lei em relação à obrigatoriedade do diploma para o exercício profissional, contratando pessoas de outras áreas para trabalhar como jornalista, entre outras querelas. E o pulso firme desse azedume tinha por nome **Otávio Frias Filho**, jovem que dez anos antes, aos 26 de idade, iniciara uma revolução no jornal, mudando suas políticas de contratação, seu estilo editorial, sua equipe, entre outras transformações.



autoridades e personalidades do País. Até o presidente Lula se fez presente, porém em um abraço particular e domiciliar que fez questão de dar em Frias (não é demais lembrar que ele e Otavinho não se bicavam).

Na sequência, apoiados pela Telefônica, levamos novamente a Otavio e à família Frias o projeto de um livro sobre a trajetória do pai, obra que seria assinada pelo jornalista e escritor Engel Paschoal. Otavio abriu todas as portas da Folha, todos os arqui-

vos, inclusive pessoais, e o livro foi lançado menos de um ano depois, novamente numa festa que contou com um público digno de chefe de estado.

Otavio participou ainda de duas outras iniciativas importantes que organizamos: uma delas, um encontro com diretores de Redação, realizado na então BM&F, no Centro de São Paulo; a segunda, integrando a mesa na solenidade em que a Mega Brasil concedeu o Prêmio Personalidade da Comunicação a Boris Ca-

soy, no Centro de Convenções Rebouças.

Por tudo isso posso dizer que a Folha, em todos esses anos (25, no nosso caso) sempre nos olhou com respeito e consideração.

Fazer um especial, portanto, homenageando o centenário do jornal, mais do que uma alegria é uma honra muito grande para a família Jornalistas&Cia. Ainda que pequenina, temos uma ponta de participação na história desses 100 anos do jornal.



É útil observar hoje o caso "Folha e o impeachment de Collor"

Muitos consideram a campanha das *Diretas Já*, em 1984, como o ponto de virada da Folha para se tornar o maior jornal do País. Foi certamente um momento importantíssimo da trajetória iniciada alguns anos antes, com a decisão de aproveitar todas as brechas da abertura ao fim da ditadura militar, a partir de meados dos anos 1970. Mas, tendo participado dos dois momentos, hoje considero o *impeachment* do presidente Collor como o momento mais marcante da afirma-

ção do jornal e o episódio mais importante de ser estudado hoje.

O movimento pelas eleições presidenciais já havia sido deflagrado, primeiramente pelo PT, quando a Folha o abraçou. Foi pioneira entre os veículos de mídia, sem dúvida. O resto da imprensa ficou como que paralisado, um pouco por medo após 20 anos de ditadura; também por conservadorismo, erro de cálculo político e, certamente, por burrice.

A Folha teve coragem, aber-

toriosa, mesmo que o Congresso não tenha aprovado a eleição direta, no dia anterior. Naquele momento, a Folha tornou-se o *enfant terrible* da imprensa.

Já o *impeachment* foi inteiramente Folha: o jornal publicou, logo no início do governo, em 1990, as primeiras notícias do esquema de corrupção que Collor começava a organizar; em seguida, Otavio Frias Filho levantou a bandeira, como reação rápida e surpreendente aos sucessivos ataques do presidente da República (políticos, financeiros e até uma rocambolesca invasão policial).

Quando OFF usou pela pri-

meira vez a palavra *impeachment*, ninguém no País falava sobre isso; quando o resto da imprensa começou a discutir a hipótese, mais de um ano depois e negando a possibilidade, a Folha já havia revelado sobejamente as tramoias que justificariam a derubada do presidente. Quando a população aderiu em massa às manifestações, a Folha tornou-se a referência madura da vitória.

Collor caiu e a Folha consolidou-se como a maior marca de imprensa do País. Confirmava-se assim a ideia expressa em um artigo de Otavio publicado na capa do jornal, a *Carta aberta ao sr. presidente da República*,

Por Leão Serva, diretor de Jornalismo da TV Cultura

tura aos sinais do (e)leitorado jovem, onde as diretas eram uma demanda quase unânime, uma melhor análise da conjuntura política e imensa dose de oportunismo. Como disse no editorial publicado na capa de 26/4/1984, saiu

que dizia: "Seu governo será tragado pelo turbilhão do tempo até que dele só reste uma pálida reminiscência, mas este jornal – desde que cultive seu compromisso com o direito dos leitores à verdade – continuará em pé" (25/4/1991). Collor hoje é uma caricatura de si mesmo, tentando acomodar-se à vida na lata de lixo da história. A Folha é uma referência jornalística e a marca-mãe de um poderoso grupo de comunicação.

Por tudo isso, o caso do combate ao presidente Fernando Collor é importante para a história do jornal e, mais ainda, fundamental para entender a



Leão, em foto de Sebastião Salgado, na aldeia yanomami de Piauí (jan/2019)



história do País. Como a efêmera passagem do arrivista Jânio Quadros, em 1961, era um paradigma para entender o cometa Collor, o presidente alagoano é um paradigma para entender Jair Bolsonaro. E a participação da Folha no enfrentamento da ameaça que ele representava à democracia pode ser um modelo para entender os desafios do presente.

Otávio tinha o hábito de ler exemplares de jornal de muitos anos antes (na época, as coleções eram encadernadas no Banco de Dados; hoje estão disponíveis na internet). Frequentemente, buscava padrões para certas edições históricas. Para planejar as primeiras páginas

sobre as eleições de Erundina (prefeita de SP, em 1988), Collor (presidente, em 1989) e Fleury (governador, 1990) pediu-me que levantasse diversas capas de diferentes jornais em situações semelhantes.

Mas as incursões às coleções tinham também um efeito terapêutico: "Aí vemos como fazemos hoje um jornal melhor do que faziam no passado", prescrevia.

Uma navegação na coleção da Folha durante os três anos que durou o Governo Collor é muito inspiradora: desperta a sensação de que a história, no Brasil, se repete; sugere que o País piorou; mas contém também um relato em primeira mão de como um



jornal pode enfrentar um tiranete, mesmo quando parece perder batalhas, até vê-lo cair de podre.

Artigo de Otavio Frias Filho na capa da edição de 25/4/1991: "Seu governo será trágico..."

O primeiro holerite ninguém esquece

Por Nair Keiko Suzuki

Duas das três passagens minhas pelo Grupo Folha, experiências que somam 13 anos, foram marcantes na minha carreira profissional. A primeira, por ter aberto portas a partir de um prosaico trabalho de setorista de trânsito e, a segunda, por ter me identificado como jornalista de Economia, que "quase" me levou a ser a primeira mulher editora de Economia da Folha de S.Paulo.

Poderia ter ficado na Folha ao longo dos meus 44 anos de profissão. Mas não me arrependo, porque tive a oportunidade de trabalhar para grandes jornais, como o Estadão (onde atuei por 16 anos, em duas etapas, e do qual pedi demissão em maio de 2013), a Gazeta Mercantil (quase apaguei as luzes da redação, quando foi extinta) e o Jornal do Brasil (ainda estudante de Jornalismo na ECA-USP me deu o estágio quando procurei o jornalista Luiz Antônio Maciel, e depois me contratou como repórter de Economia e me promoveu a

chefe de Reportagem da sucursal de São Paulo).

Intercalei as experiências em jornais com as de revistas, como IstoÉ (quando era do Fernando Moreira Salles), Afinal (que teve vida rica, mas curta), Construção em São Paulo (onde tive o prazer de trabalhar com Hideo Onaga, Jacyra Octaviano, Rose Nogueira e Luzia Rodrigues) e Notícias, da Fiesp, onde fiz dobradinha com Alexandre Gambirasio, que tirou da publicação o ranço de revista-feita-só-para-agradar-o-presidente-e-a-sua-diretoria.

Mas, como diria Washington Olivetto, "o primeiro holerite a gente nunca esquece". Sou grata à Folha por ter me acolhido e por ter me deixado sair, quando quis.

De setorista de trânsito a "quase" editora de Economia

Quando recebi o primeiro salário na Agência Folhas, no início de 1970, a remuneração justa depois de passar um mês cobrin-

do buracos de rua e enchentes na Baixada do Glicério, o meu chefe de então, Paulo Nunes, chamou-me na salinha com parede de vidro e me deu a ordem: "A partir de amanhã, a senhora vai ser setorista de trânsito". "Eu?", pensei, mas não retruquei. Sabia que o setorista anterior havia sido demitido intempetivamente e que o clima na redação estava pesado.

A partir do dia seguinte e, por dois anos, eu passava a tarde no DET (a sigla do Departamento Estadual de Trânsito, que passou depois a ser Detran), naquele prédio que fica na avenida Pedro Álvares Cabral e hoje abriga o Museu de Arte Moderna. Eu percorria os oito andares do prédio, em busca de notícias. Convivendo com delegados de polícia (que ocupavam cargos na diretoria), policiais civis e militares,

Nair, num dos trailers do Detran de São Paulo





DEPOIMENTOS

ESPECIAL 100 ANOS FOLHA DE S. PAULO

despachantes, infratores de trânsito e motoristas comuns, eu fazia cinco, seis matérias por dia. De mudança de direção de rua (que ficava sabendo com o pessoal da Engenharia), a crimes de trânsito (a Corregedoria tinha casos para encher o jornal), tudo rendia uma retranquinha.

Às 6 da manhã de um sábado, inaugurei com o sargento Elias, do DET, o viaduto Guadalajara, na Zona Leste. Depois, passei uma tarde inteira com Issao Kono, competente diretor da Engenharia, que me ajudou a mapear as marginais dos rios Tietê e Pinheiros. Era para uma reportagem especial de serviço, que ensinava os motoristas a

usar os acessos e as saídas das marginais, dando novas opções para seus trajetos. Foi na gestão de Paulo Pestana como diretor de trânsito que as placas dos automóveis passaram a ter duas letras, além dos números, para permitir mais combinações e atender ao emplacamento de uma frota de veículos que se multiplicava na época do milagre econômico. Pestana, aliás, elegeu-me de brincadeira "rainha do trânsito" num jantar de apresentação do novo diretor, Ari Bauer, delegado de polícia como ele.

Na redação da Agência Folha, enquanto redigia as matérias na bobina com seis cópias (para serem distribuídas entre os jornais

do grupo), vinha o estímulo para tentar progredir na profissão. "Qualquer dia, te levo para o Folhão", prometia o Alexandre Gamberasio, então secretário de Redação da Folha de S. Paulo, cada vez que eu entregava uma reportagem especial para o fim de semana. Ir para o Folhão era o sonho de todos os repórteres da Agência, porque significava prestígio, salário maior e fazer matérias na lauda com uma só cópia com papel carbono.

Cansada de atuar como despachante (no jornal, me pediam para conseguir placa bonitinha de carro ou um jeitinho para eliminar multas de trânsito), sai da Agência antes que Alexandre cumprisse

Nair é eleita "rainha do trânsito" pelo então diretor do Detran Paulo Pestana, no jantar de apresentação do novo diretor, Ari Bauer (abaixo, ao centro)



o que me prometia. Cinco anos depois, finalmente, quando eu já havia passado de novo pela Agência Folha como pauteira e era chefe de Reportagem da sucursal de São Paulo do Jornal do Brasil, Alexandre me convidou para ser chefe de Reportagem da editoria de Economia do Folhão. Passei lá oito anos, trabalhando com Pedro Cafardo (o editor), Rubens Mattos, Cecilia Zion, Isabel Dias de Aguiar, Nereu Leme, Vicente Alessi e Odilon Guimarães, entre muitos outros colegas que depois (quase todos) iria reencontrar em outras redações.

No Folhão, sempre atuei

como chefe de Reportagem de Economia. Fui convidada pelo **Bóris Casoy**, então diretor de Redação, para ser a editora de Economia, no lugar do **Teodoro Meissner**, que havia pedido para ser demitido. "Pense bem, você vai ser a primeira mulher editora de Economia da Folha", me tentou o Bóris. Mas já era tarde, porque havia me comprometido com o saudoso **Emílio Matsu-moto** de que aceitaria o convite dele para ser editora assistente de Economia da revista IstoÉ. Foi assim que deixei a Folha.

De lá para cá, foi uma trajetória profissional que valeu a pena ser seguida.

Há 100 anos na linha de frente da **liberdade de expressão** e da **defesa da democracia**.

Parabéns, Folha!

Grupo In Press 

Jornalistas&Cia é um informativo semanal produzido pela Jornalistas Editora Ltda. • Tel 11-3861-5280 • Diretor: Eduardo Ribeiro (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor executivo: Wilson Barancelli (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Editor assistente: Fernando Soares (fernandosoaes@jornalistasecia.com.br) • Repórter: Victor Felix (victorfelix@jornalistasecia.com.br) • Estagiária: Lyz Ramos (lyzramos@jornalistasecia.com.br) • Editora regional RJ: Cristina Vaz de Carvalho, 21-2527-7808 (cvc@jornalistasecia.com.br) • Editora regional DF: Kátia Morais, 61-98126-5903 (katia@jornalistasecia.com.br) • Diagramação e programação visual: Paulo Sant'Ana (pr-santana@uol.com.br) • Diretor de Novos Negócios: Vinícius Ribeiro (viniciu@jornalistasecia.com.br) • Departamento Comercial: Silvio Ribeiro, 11-3861-5283 (silvio@jornalistasecia.com.br) • Assinaturas: Armando Martellotti, 11-3861-5280 (armando@jornalistasecia.com.br)

